

Vinculação em Jovens Adultos e Motivação para a Parentalidade

Sara Cristina da Silva Gonçalves

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Orientação: Prof. Doutora Catarina Canário

Janeiro, 2016



UNIVERSIDADE PORTUGALENSE

Sara Gonçalves

**Vinculação em Jovens Adultos e
Motivação para a Parentalidade**

**Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde
realizada sob a orientação da Prof. Doutora Catarina Canário**

Departamento de Psicologia e Educação

ano letivo 2015/2016



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

A maior parte das gaivotas não se querem incomodar a aprender mais do que os rudimentos do voo, como ir da costa à comida e voltar. Para a maior parte das gaivotas, o que importa não é saber voar, mas comer. Para esta gaivota, no entanto, o importante não era comer era voar. Mais que tudo, Fernão Capelo Gaivota, adorava voar.

Bach (1983, s.p.)

À minha querida avó,
Maria da Glória Azevedo Barros Lira.

Agradecimentos

À Prof. Doutora Magda Rocha, orientadora inicial desta tese,

Por ter acreditado desde início em mim e neste projeto. Pelos amplos e valiosos conhecimentos transmitidos na área da vinculação. Pela responsabilidade e rigor metodológico inculcados. Pela permanente dedicação e disponibilidade. Pelo exemplo profissional e pessoal que me deixou. Obrigado por todos os momentos de partilha e por tornar tudo isto possível.

À Prof. Doutora Catarina Canário,

Por ter aceitado prontamente o convite para prosseguir com a orientação deste trabalho, com uma atitude desinteressada e altruísta. Pelos preciosos conhecimentos científicos teóricos e metodológicos que em muito o enriqueceram. Pela extrema dedicação e carinho dispensado e por acreditar que eu seria capaz.

À Prof. Doutora Paula Mena Matos, pela cedência do QVA e anuência de utilização do QVA e do QVPM neste projeto de investigação.

À Prof. Doutora Maryse Guedes e à Prof. Doutora Cristina Canavarro, pela cedência da EMP e pela autorização da sua utilização e alteração das Partes A e B.

Ao PhD. Warren B. Miller pela cedência de artigos da sua autoria acerca da motivação para a parentalidade

Ao Prof. Doutor Paulo Renato de Jesus pela disponibilização de bibliografia referente ao constructo de adultos emergentes.

À Dr. Filipa da biblioteca da UPT, pela divulgação do *link* de acesso aos questionários entre os alunos e instituições académicas.

Ao corpo docente do curso de psicologia, pelo legado de conhecimentos, disponibilidade e entrega ao longo destes 5 anos, especialmente à Prof. Doutora Daniela Nascimento pela disponibilidade transmitida e valorização constante e por me ter transmitido a sua paixão pela psicologia.

Ao meu pai e à minha mãe pela liberdade que me deram para escolher o meu caminho. Pela prioridade que sempre concederam aos meus projetos de vida e por todo o esforço e sacrifício feitos para sustentar a minha formação. Serei para sempre grata por tudo o que fizeram por mim.

À minha irmã Raquel, pela cumplicidade, companheirismo e amor que nos une.

Ao Luís, pelo amor, amizade, dedicação e compreensão nos momentos de ausência e angústia. Pela confiança transmitida, valorização constante e por não me deixar desistir. Sinto que percorremos este caminho juntos, foste apanhando todas as pedras no caminho para que nada me pudesse fazer tropeçar. Obrigado por seres o meu Porto Seguro. Graças a ti, consegui.

Ao meu avô, pelos valores e sabedoria transmitida e pela disponibilidade e apoio constantes ao longo deste e de outros percursos.

À minha avó Glória, por todo o amor, carinho e dedicação ao longo de toda a sua vida. Obrigada pela riqueza dos valores que me transmitiste, pelo exemplo de força, luta, sacrifício e prazer e entrega à família e aos outros. Obrigada por estares sempre comigo, avó. É por ti e para ti que termino hoje este percurso.

À minha madrinha, pelas sugestões de como organizar a minha pesquisa. Pelo esforço para conseguir alguns livros. Pelo valioso contributo que deu na revisão ortográfica da dissertação. E sobretudo, por estar sempre presente e disponível para me ouvir, me aconselhar, me ajudar e incentivar.

À Patrícia Miranda, colega de percurso e amiga, pelas experiências académicas e pessoais partilhadas nestes anos.

Ao Ricardo (cunhado) pela ajuda na tradução do resumo desta dissertação.

Aos amigos e restante família, por terem respeitado a minha prolongada ausência e por me fazerem sempre acreditar que este dia iria chegar.

Declaração de autoria

Este trabalho teve como orientadores científicos a Prof. Doutora Magda Rocha no ano letivo 14/15 e a Prof. Doutora Catarina Canário no ano letivo 15/16. O papel dos investigadores neste trabalho científico é:

- Sara Gonçalves e Magda Rocha elaboraram o plano do estudo de investigação, tendo decidido os objetivos da investigação, os instrumentos de avaliação, o procedimento do estudo e a metodologia de análise de dados;

- Sara Gonçalves e Magda Rocha realizaram a análise estatística dos dados através do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 20 e do *Structural Equation Modeling Software* (EQS), versão 6.1;

- Sara Gonçalves e Magda Rocha solicitaram aos autores dos instrumentos de avaliação a autorização para a sua administração. No caso particular da Escala de Motivações para a Parentalidade (EMP) foi ainda realizado um pedido de alteração das instruções das partes A e B;

- Sara Gonçalves e Magda Rocha construíram o questionário sociodemográfico utilizado no estudo;

- Magda Rocha apoiou Sara Gonçalves na seleção dos temas a abordar no enquadramento conceptual;

- Catarina Canário apoiou Sara Gonçalves na redação da dissertação, nomeadamente nos seguintes elementos: introdução, enquadramento conceptual, estudo empírico e discussão e conclusões do estudo.

Vinculação em jovens adultos e motivação para a parentalidade

Resumo

Este estudo pretendeu compreender quais as associações entre as representações de vinculação aos pais e ao par amoroso as motivações para a parentalidade em jovens adultos. A amostra é constituída por 234 estudantes universitários de ambos os sexos, entre os 18 e os 25 anos. Os instrumentos utilizados foram o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe*, o *Questionário de Vinculação Amorosa* e a *Escala de Motivação para a Parentalidade*. Estes foram submetidos a procedimentos de validade (fatorial) e fidelidade (consistência interna), revelando índices de ajustamento e valores de alfa de *Cronbach* adequados. Os resultados indicam um maior número de associações entre a *Ansiedade de Separação* na relação com o pai e as dimensões das motivações positivas para a parentalidade; entre a *Inibição da Exploração e Individualidade* na relação com a mãe e as motivações negativas para a parentalidade; entre a *Dependência* na relação com o par amoroso e as dimensões das motivações positivas para a parentalidade; e entre a *Ambivalência* na relação com o par amoroso e as motivações negativas para a parentalidade. A *Ansiedade de Separação* ao pai, a *Dependência* e *Ambivalência* ao par amoroso e a *Ansiedade de Separação* à mãe foram identificados como preditores das motivações positivas para a parentalidade. A *Ansiedade de Separação* ao pai e a *Ambivalência* e *Dependência* na relação com o par amoroso foram identificados como preditores das motivações negativas para a parentalidade. Verificaram-se efeitos multivariados, da vinculação ao par amoroso, do género e do desejo de ter filhos no futuro, ao nível das dimensões das motivações positivas para a parentalidade. Foram ainda apurados efeitos multivariados da vinculação ao pai, da vinculação ao par amoroso, da idade e do desejo de ter filhos no futuro ao nível das motivações negativas para a parentalidade. Por último, os resultados indicam que os dados da vinculação podem ser lidos à luz do modelo prototípico de Bartholomew. Este estudo permite concluir que as relações de vinculação estabelecidas ao longo do ciclo vital (pai, mãe e par amoroso) têm repercussão na motivação positiva e negativa para a parentalidade de adultos emergentes.

PALAVRAS-CHAVE: VINCULAÇÃO AOS PAIS; VINCULAÇÃO AO PAR AMOROSO; MOTIVAÇÃO PARA A PARENTALIDADE; JOVENS ADULTOS.

Attachment and motivation to parenthood in young adults

Abstract

The aim of this study was to understand the association between the representation of connection to parents and couples and the motivations towards parenting in young adults. The sample consists of 234 higher education students of both genders, between the age of 18 and 25. The tools used were the *Father/Mother Attachment Questionnaire*, the *Romantic Attachment Questionnaire* and the *Childbearing Motivations Scale*. These underwent validity procedures (factorial) and fidelity (internal consistency), revealing adjustment indices and adequate Cronbach's alpha values. The results indicate a greater number of associations between *Separation Anxiety* in the relationship with the father and the dimensions of the positive motivations towards parenting; amongst *Inhibition of Exploration and Individuality* in the relationship with the mother and negative motivations towards parenting; amongst *Dependency* in the relationship between the loving couple and the dimensions of the positive motivations for parenting; and amongst *Ambivalence* in the relationship between the loving couple and negative motivations for parenting. *Separation Anxiety* from the father, the *Dependency* and *Ambivalence* to the loving couple and *Separation Anxiety* from the mother were identified as predictors of positive motivation to parenting. *Separation Anxiety* from the father and the *Ambivalence* and *Dependency* in the relationship with the loving couple were identified as predictors of negative motivations towards parenting. There were multivariate effects of attachment to the loving couple, gender and desire to have children in the future, in terms of the dimensions of the positive motivations for parenting. There were also calculated multivariate effects of attachment to the father, of the attachment to the loving couple, age and desire to have children in the future in terms of negative motivations for parenting. Finally, the results indicate that the binding data can be read in the light of Bartholomew's prototype model. This study shows that the relationship of established attachments throughout the life cycle (father, mother and loving couple) have repercussions on the positive and negative motivation for parenting emerging adults.

KEYWORDS: ATTACHMENT TO THE PARENTS; ATTACHMENT TO THE LOVING COUPLE; MOTIVATION TO PARENTING; YOUNG ADULTS.

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO	1
II. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL	4
1. Parentalidade	4
2. Motivação para a parentalidade	5
2.1 Motivações positivas para a parentalidade	6
2.2 Motivações negativas para a parentalidade	7
3. Fatores de influência na motivação para a parentalidade	8
3.1 Vinculação aos pais e ao par amoroso.....	10
III. ESTUDO EMPÍRICO.....	18
1. Objetivos	18
2. Método.....	18
2.1 Participantes	18
2.2 Instrumentos	20
2.2.1 Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM).....	21
2.2.2 Questionário de Vinculação Amorosa (QVA).....	21
2.2.3 Escala de Motivações para a Parentalidade (EMP)	22
2.2.4 Questionário Sociodemográfico	23
2.3 Procedimento	23
2.4 Estratégia de análise de dados	24
3. Resultados	26
3.1 Análise da associação entre a motivação para a parentalidade e as dimensões relacionais (vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso)	26
3.2 Análise das dimensões relacionais (vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso) como preditores da motivação para a parentalidade.....	29
3.3 Análise do efeito da vinculação aos pais e ao par amoroso, das variáveis demográficas, e do desejo de ter filhos no futuro ao nível da motivação para a parentalidade.....	30
3.3.1 Motivações positivas para a parentalidade	30
3.3.2 Motivações negativas para a parentalidade	33
3.4 Classificação dos participantes no estudo de acordo com a abordagem prototípica da vinculação (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) a partir das dimensões de vinculação aos pais e ao par amoroso	38

3.4.1 Padrões de vinculação na relação com o pai	38
3.4.2 Padrões de vinculação na relação com a mãe	39
3.4.3 Padrões de vinculação na relação ao par amoroso.....	40
3.5 Teste da associação entre o desejo de ter filhos no futuro e os protótipos de vinculação na relação com os pais e com o par amoroso e variáveis demográficas	42
4. Discussão dos resultados.....	43
IV. CONCLUSÃO.....	57
V. REFERÊNCIAS	60
VI. ANEXOS	70
Anexo A - Modelo de análise fatorial confirmatória (QVPM)	71
Anexo B - Modelo de análise fatorial confirmatória (QVA)	73
Anexo C - Modelo de análise fatorial confirmatória (EMP).....	74
Anexo D – Questionário sociodemográfico	76
Anexo E - Autorização da utilização do QVPM.....	80
Anexo F - Autorização da utilização do QVA	81
Anexo G - Autorização da utilização da EMP e respectivas alterações das partes A e B	82

Lista de tabelas e figuras

Figura 1	<i>Padrões de vinculação resultantes da combinação das duas dimensões latentes, segundo o modelo de Bartholomew e colaboradores</i>	14
Tabela 1.1	<i>Caracterização sociodemográfica dos participantes (N =234)</i>	19
Tabela 1.2	<i>Valor de r de Pearson entre as dimensões da motivação para a parentalidade e as dimensões relacionais (vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso)</i>	28
Tabela 1.3	<i>Regressão múltipla hierárquica para a motivação para a parentalidade com os preditores da vinculação ao par amoroso, à mãe e ao pai</i>	29
Tabela 1.4	<i>Motivações positivas para a parentalidade em função da vinculação ao par amoroso</i>	31
Tabela 1.5	<i>Motivações positivas para a parentalidade em função do gênero e idade</i>	31
Tabela 1.6	<i>Motivações positivas para a parentalidade em função do ano</i>	32
Tabela 1.7	<i>Motivações positivas para a parentalidade em função do desejo de ter filhos no futuro</i>	33
Tabela 1.8	<i>Motivações negativas para a parentalidade em função da vinculação ao pai</i>	34
Tabela 1.9	<i>Motivações negativas para a parentalidade em função da vinculação ao par amoroso</i>	35
Tabela 1.10	<i>Motivações negativas para a parentalidade em função do gênero e idade</i>	35
Tabela 1.11	<i>Motivações negativas para a parentalidade em função do ano e ciclo de estudos</i>	36
Tabela 1.12	<i>Motivações negativas para a parentalidade em função do desejo de ter filhos no futuro</i>	37
Tabela 1.13	<i>Caracterização da relação com o pai na distribuição entre padrões de vinculação</i>	38
Figura 2	<i>Padrões de vinculação na relação com o pai</i>	39
Tabela 1.14	<i>Caracterização da relação com a mãe na distribuição entre padrões de vinculação</i>	40
Figura 3	<i>Padrões de vinculação na relação com a mãe</i>	40
Tabela 1.15	<i>Caracterização da relação com o par amoroso na distribuição entre padrões de vinculação</i>	41
Figura 4	<i>Padrões de vinculação na relação ao par amoroso</i>	42

Listas de abreviaturas e siglas

Abreviatura/símbolo	Definição
<i>n</i>	Número de participantes (subamostra)
<i>N</i>	Número total de participantes
<i>M</i>	Média
<i>DP</i>	Desvio padrão
QVPM	Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe
QLE	Qualidade do Laço Emocional
IEI	Inibição da Exploração e Individualidade
AS	Ansiedade de Separação
χ^2 (g.l.)	Razão Qui-quadrado pelos graus de liberdade
<i>p</i>	Probabilidade
CFI	<i>Comparative Fit Index</i>
SRMR	<i>Standardized Root Mean Square Residual</i>
RMSEA	<i>Root Mean Square Error of Approximation</i>
I.C.	Intervalo de confiança
α	Alfa de <i>Cronbach</i> (consistência interna)
QVA	Questionário de Vinculação Amorosa
CONF	Confiança
DEP	Dependência
EVIT	Evitamento
AMB	Ambivalência
EMP	Escala de Motivações para a Parentalidade
MPP	Motivações Positivas para a Parentalidade
ASE	Aspetos Socioeconómicos
RP	Realização Pessoal
SCP	Sentido de Continuidade Pessoal
EQRC	Expressão da Qualidade da Relação Conjugal
MNP	Motivações Negativas para a Parentalidade
FECIPP	Fardo da Educação da Criança e Imaturidade para o Papel Parental
PSE	Preocupações Sociais e Ecológicas
TC	Tensão Conjugal
PFCE	Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos

SFPIC	Sofrimento Físico e Preocupações com a Imagem Corporal
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
MANOVAs	Análises de Variância Multivariada
<i>r</i>	Estimativa do coeficiente de correlação de <i>Pearson</i>
ΔR^2	<i>Adjusted multiple correlation squared</i>
R^2	<i>Multiple correlation squared</i>
R^2 change	<i>Multiple correlation squared change</i>
β	<i>Population values of regression coefficients</i>
<i>F</i>	<i>F distribution, Fisher's F ratio</i>
n_p^2	<i>Partial Eta Squared</i>

I. INTRODUÇÃO

Tem-se assistido nas últimas décadas a uma diminuição da natalidade e a um adiamento da parentalidade nas sociedades ocidentais (OECD, 2011). As repercussões que estas alterações têm no sistema de segurança social (De Vaus, 2004) e na saúde reprodutiva dos casais, da gestante e dos futuros filhos (Schmidt, Sobotka, Bentzen, & Andersen, 2012), têm vindo a colocar a questão da motivação para a parentalidade em foco.

As transformações verificadas nos padrões de fertilidade têm sido atribuídas a fatores sociais, económicos e culturais. Pode-se citar os avanços que se deram ao nível tanto dos métodos contraceptivos (Leridon, 2006; Van de Kaa, 2011) como das técnicas de procriação medicamente assistidas (Eriksson, Larsson, Svanberg, & Tydén, 2013); a publicidade feita a figuras públicas que iniciam a sua trajetória reprodutiva em idades mais avançadas (Kalb, 2001); o percurso de vida perspectivado pelo jovem adulto, que implica o cumprimento do desiderato da parentalidade após a concretização de uma série de objetivos, como são a conclusão de um curso de nível superior ou a construção de uma carreira profissional (Arnett, 2000; 2006ab; 2007); e o aumento do custo da habitação (Mulder & Billari, 2010; Rindfuss & Brauner-Otto, 2008), do desemprego e da precaridade no mercado de trabalho (Adserá, 2004; Hofmann & Hohmeyer, 2012; Sobotka, Skirbekk, & Philipov, 2011).

Estes elementos descritos como influentes dos padrões de fertilidade facultam um esclarecimento um tanto ou quanto ambíguo acerca da tomada de decisão reprodutiva, deixando fora de discussão as motivações individuais (Guedes, Pereira, Pires, Carvalho, & Canavarro, 2013), isto é, as motivações para percecionar de forma favorável ou desfavorável a parentalidade (Miller, 1994). Em Portugal, são poucos os estudos que se debruçam sobre estas perceções (e.g. Guedes et al., 2013; Guedes, Carvalho, Pires, & Canavarro, 2011), embora a temática tenha já sido explorada em profundidade fora do país (e.g. Cassidy & Sintrovani, 2008; Miller, 1994; 1995; Miller & Pasta, 2002; Miller, Millstein, & Pasta, 2008; Shover, 2005). As investigações referenciadas têm-se focado na identificação das motivações positivas e negativas para a parentalidade, não tendo sido, contudo, verificadas quaisquer possíveis associações entre essas motivações e fatores relacionais.

Nesta linha, ainda na década de 90, dois estudos examinaram a relação entre os estilos de vinculação amorosa e as diferenças individuais no desejo de ter filhos (Rholes, Simpson, & Blakely, 1995; Rholes, Simpson, Blakely, Lanigan, & Allen, 1997). Apesar da abordagem à motivação para a parentalidade utilizada constituir apenas uma aproximação ao modelo multidimensional das motivações para a parentalidade (Miller, 1994, 1995), estas

investigações deixaram fortes indícios de que as questões da motivação podem ser abordadas relacionamente.

Assim, de acordo com estas considerações, apresenta-se nesta dissertação um trabalho de investigação de natureza transversal, do tipo *Ex Post Facto*, descritiva, correlacional e causal-comparativa, que pretende compreender associações entre a motivação para a parentalidade e a vinculação dos jovens adultos. Iremos ter em conta, tal como nos estudos já realizados (Rholes et al., 1995; 1997), o sistema de vinculação ao par amoroso, (Hazan & Shaver, 1987, 1994; Hazan & Zeifman, 1994, 1999), mas também, o sistema de vinculação às figuras parentais (Bowlby, 1969/1982; 1973; 1980; Ainsworth, 1991; Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978), dado que as ligações emocionais que se estabelecem com estas figuras instituem a base para a construção dos modelos do *self* e dos outros (Bowlby, 1969/1982).

A abordagem à motivação para a parentalidade tem como suporte o modelo multidimensional, que distingue a motivação em dois eixos principais, um positivo e um outro negativo (Guedes et al., 2013; Miller, 1994, 1995). Já a abordagem relacional é conceptualizada de acordo com o modelo prototípico (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991), dado que este se centra na ideia de que a vinculação se organiza em imagens internalizadas de si e do outro, construídas e sancionadas através das relações significativas (de vinculação) estabelecidas ao longo do ciclo de vida, onde se incluem as relações com os pais e pares amorosos.

A respeito das questões da motivação para a parentalidade e da vinculação na idade adulta, os participantes em estudo foram conceptualizados de acordo com o constructo dos adultos emergentes de Arnett (2000; 2006ab; 2007). Esta perspetiva afirma que na faixa etária entre os 18 e os 25 anos existe um maior trabalho desenvolvimental no sentido da individuação pessoal que propicia um adiamento da parentalidade devido ao investimento maior (do que no passado) na carreira e na profissão.

Assim, no primeiro capítulo desta dissertação é apresentado o enquadramento conceptual onde é realizada uma conceitualização genérica do que é a parentalidade, assim como, exposto o estado da arte inerente à motivação para a parentalidade e aos fatores de influência na motivação para a parentalidade.

Já no segundo capítulo, é apresentado o estudo empírico onde damos conta dos objetivos da investigação, do método utilizado, dos resultados obtidos e sua análise, e ainda, das suas limitações e contribuições para a literatura, intervenção e investigação futura. No que respeita, especificamente, ao método, o leitor pode encontrar vários subcapítulos que

integram a descrição da recolha e caracterização da amostra em estudo, as considerações que levaram à escolha dos instrumentos utilizados, bem como a sua descrição e resultados da sua validação à amostra e, por fim, os procedimentos e as estratégias de análise de dados realizados.

II. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

1. Parentalidade

A parentalidade é um processo de desenvolvimento, e não tão-somente a representação de uma função ou de um papel (Bayle, 2005). Ela resulta de um processo de maturação que conduz a uma reorganização psicológica e afetiva, permitindo ao sujeito, tornar-se pai ou mãe, ou seja, tornar-se capaz de dar resposta às carências de ordem prática e emocional do(s) filho(s). A resposta dada a estas necessidades envolve um conjunto de emoções, comportamentos e representações que têm como objetivo a implantação de um contexto seguro, promotor do bem-estar do(s) filho(s) e do desenvolvimento adaptativo (Figueiredo, 2013).

O desenvolvimento que está inerente à parentalidade inicia-se na gravidez, ou até antes, quando o indivíduo idealiza a possibilidade de se tornar progenitor (Cowan, Cowan, Heming, & Miller, 1991). Este processo desenvolvimental implica uma reorganização qualitativa do *self* e do comportamento (Cowen, 1991). A reorganização qualitativa do *self* refere-se a alterações na forma como o sujeito percebe e lida com o ambiente no qual se insere. A reorganização qualitativa do comportamento concerne a mudanças nos papéis representados e na organização dos limites face ao exterior. O sujeito vê-se na obrigação de construir a sua identidade parental e, simultaneamente, a reorganizar o tempo e energia dirigidos aos outros papéis familiares e sociais.

A parentalidade propriamente dita tem início a partir do nascimento, altura em que os pais prestam cuidados ao(s) filho(s) (Figueiredo, 2013). A capacidade maternal e parental encontra-se adicta às relações estabelecidas ao longo do ciclo vital, nomeadamente com as figuras materna e paterna, e com outras que surgiram ao longo da vivência do sujeito e com as quais se identificou (Brito, 2005).

Assim, entre o homem e a mulher que se tornam pais, estabelece-se uma dupla representação dos modelos maternal e parental, que não sendo estática, se vai redefinindo perante as diferentes necessidades físicas, emocionais e afetivas do(s) filho(s) em cada etapa desenvolvimental (Lebovici, 2004). Esta redefinição encontra-se associada à adaptação bem-sucedida à parentalidade. De notar, no entanto, que não é a criança por si só que induz a parentalidade, mas a compatibilidade desta com as figuras parentais (Belsky, 1984).

O significado da parentalidade, bem como o exercício do papel parental têm vindo a alterar-se ao longo do tempo (Bayle, 2005) e encontram-se dependentes do contexto social e

cultural (Reder, Duncan, & Lucey, 2005; Holden, 2010). De acordo com Bayle (2005), ter um filho atualmente parece ser mais complexo do que no passado, dado o número cada vez menor de crianças no mundo, que impõe aos pais um desempenho perfeito do seu papel em prol de um desenvolvimento ótimo do(s) filho(s) em todas as suas áreas de funcionamento. Esta tarefa tem sido descrita como uma das mais exigentes do ciclo de vida (Holden, 2010). Não obstante, tem sido também referida como bastante satisfatória (Ferreira, Monteiro, Fernandes, Cardoso, Veríssimo & Santos, 2014).

A parentalidade tem sido um desiderato cada vez mais adiado, pelo que diferentes estudos têm estado focados na identificação dos motivos que dirigem o indivíduo para a parentalidade ou para longe dela.

2. Motivação para a parentalidade

A investigação empírica sobre as questões que motivam as pessoas a ter filhos teve o seu começo com os estudos acerca do valor das crianças (Fawcett, 1983; Hoffman & Hoffman, 1973). Estes modelos clássicos de decisão reprodutiva focaram-se na compreensão das recompensas (Hoffman & Hoffman, 1973) e custos (Fawcett, 1983) das crianças para os pais. Embora tenham sido realizados num contexto social consideravelmente distinto ao que hoje vivemos, designadamente no que respeita à diminuição prevalente da população, esta conceptualização clássica contribuiu para uma maior abertura científica ao estudo das questões da motivação para a parentalidade.

Atualmente, a parentalidade tem vindo a ser estudada a partir de um modelo multidimensional, que a distingue em dois eixos principais: motivações positivas e negativas (Miller, 1995; Guedes et al., 2013). Estas motivações representam traços psicológicos ou disposições latentes para perceber favorável ou desfavoravelmente vários aspetos da paternidade (Miller, 1994, 1995). Enquanto traços psicológicos que são, as motivações para a parentalidade só ganham um carácter energizante por interposto de uma sequência psicológica e comportamental que passa pelos desejos, intenções e comportamentos reprodutivos (Miller, 1994). De acordo com Miller (1994), os traços motivacionais instituem a base do desejo de ter (ou não) filhos. Este desejo, por interposto de um processo de avaliação subjetiva da realidade, dá lugar a uma intenção reprodutiva. Esta intenção implica já um certo grau de compromisso, mas é somente quando atinge uma intensidade elevada e quando o sujeito considera terem sido encontradas boas condições contextuais, que se dará lugar a comportamentos instrumentais destinados a realizar o desejo inicial.

As motivações pré-concebidas, a favor ou contra a parentalidade, levam a comportamentos distintos nos sujeitos que querem ter filhos e naqueles que não os querem ter (Miller & Pasta, 2002). Os primeiros manifestarão esforços para alcançar a concepção (comportamentos a favor da concepção), os segundos irão esforçar-se para a prevenir (comportamento contraceptivo). No entanto, podem ocorrer falhas nestes comportamentos a favor ou contra a parentalidade, que envolvem um conjunto de questões associadas, respetivamente, à infertilidade e à ocorrência de uma gravidez não desejada. Justamente, a influência das motivações para a parentalidade nos percursos de (in)adaptação à parentalidade (Rholes et al., 1997) e à infertilidade (Cassidy & Sintrovani, 2008) têm sido documentados; o que concede aos estudos destas motivações grande pertinência no âmbito da psicologia clínica e da saúde.

A identificação das motivações para a parentalidade na população portuguesa só recentemente foi realizada (Guedes et al., 2011; 2013). Fora do país a temática tem sido explorada em profundidade em populações clínicas (e.g. Cassidy & Sintrovani, 2008; Dyer et al., 2008; Miller, Millstein, & Pasta, 2008; Shover, 2005), universitárias (e.g. Gormly, Gormly, & Weiss, 1987), mas também na população geral (e.g. Langdrige et al., 2005; Miller, 1995).

De uma forma geral, a investigação tem identificado uma vasta gama de motivações positivas e negativas, que não são, como se poderia pensar à partida, opostas mas complementares, com diversos fatores (sociais/normativos, emocionais/psicológicos, económicos/utilitários e biológicos/físicos) a surgir em cada um dos seus polos (Miller, 1995; Guedes et al., 2013).

2.1 Motivações positivas para a parentalidade

No que respeita à dimensão social/normativa, as motivações positivas para a parentalidade refletem a concretização de expectativas sociais e de princípios religiosos (Cassidy & Sintrovani, 2008; Guedes, et al., 2011; 2013), a afirmação da identidade e do estatuto social do sujeito (Cassidy & Sintrovani, 2008; Gormly et al., 1987; Guedes et al., 2011; 2013) e o desejo de continuidade geracional (Cassidy & Sintrovani, 2008; Guedes et al., 2011; 2013).

Ao nível da dimensão emocional/psicológica, estas motivações expressam a vontade de estabelecimento de uma relação com a criança que é única e especial, (Guedes et al., 2011; 2013; Langdrige et al., 2005), que traz alegria e felicidade (Cassidy & Sintrovani, 2008) e

que permite cuidar, ensinar e educar (Guedes, et al., 2011; 2013; Miller, 1995). Também são consideradas aspirações relacionadas com a reparação da experiência vivida com filhos anteriores, a realização pessoal, o aumento da qualidade da relação com o parceiro amoroso, bem como o reforço dos laços existentes entre os membros da família (Guedes et al., 2011; 2013).

A dimensão económica/utilitária destas motivações positivas inclui a existência de apoios financeiros ao sustento da família e de suporte instrumental na velhice (Guedes et al., 2011; 2013; Miller, 1995).

O desejo de cumprimento do instinto biológico (Guedes et al., 2011; 2013), de afirmação da fertilidade ou do género (Guedes et al., 2011; 2013; Shover, 2005), de experienciar o período gravítico e o parto (Guedes et al., 2011; 2013; Miller, 1995) e de estabelecer laços biológicos (Guedes et al., 2011; 2013; Miller et al., 2008) constituem aspetos biológicos/físicos das motivações positivas para a parentalidade.

2.2 Motivações negativas para a parentalidade

Ao nível das motivações negativas para a parentalidade, a dimensão social/normativa exprime preocupações associadas à exposição da criança aos vários perigos do mundo, sejam eles sociais (e.g. comportamentos desviantes) ou ambientais (e.g. poluição) (Guedes et al., 2011; 2013).

No que respeita à dimensão emocional/psicológica, estas motivações refletem preocupações com restrições à autonomia pessoal (e.g. estilo de vida e carreira) e conjugal (e.g. deterioração da relação) (Guedes et al., 2011; 2013; Langdrige et al., 2005;). Esta dimensão inclui também as exigências da parentalidade (e.g. cansaço emocional e físico relacionado com a prestação de cuidados e responsabilidades e preocupações com o(s) filho(s)) (Langdrige et al., 2005; Guedes et al., 2011; 2013; Miller, 1995). Contempla, ainda, as preocupações relacionadas com a transmissão hereditária de problemas de saúde para o filho, com o assumir de outros familiares do papel de cuidador e com a conservação de modelos parentais experienciados na infância (Guedes et al., 2011; 2013; Shover, 2005). Além disso, inclui apreensões quanto à imaturidade pessoal ou falta de qualidades próprias às funções e papéis inerentes à parentalidade (Guedes et al., 2011; 2013).

Os sacrifícios económicos decorrentes dos custos financeiros de um filho constituem aspetos económicos/utilitários das motivações negativas para a parentalidade (Guedes et al., 2011; 2013).

As consequências que a gravidez pode trazer para a progenitora, como são as modificações corporais (Guedes et al., 2011; 2013), o mal-estar físico (Miller, 1995), bem como possíveis complicações durante o período gravítico e no parto (Guedes et al., 2011; 2013), são aspetos biológicos/físicos que incluem as motivações negativas para a parentalidade.

3. Fatores de influência na motivação para a parentalidade

Desde a década de 60, tem-se verificado uma diminuição da natalidade e um adiamento da parentalidade nas sociedades ocidentais (OECD, 2011). Em Portugal, particularmente, a taxa de natalidade baixou cerca de 12.9% e a idade da mulher, à data do nascimento do primeiro filho, passou de 24.4 para 30 anos (em média) desde 1970 até 2014 (PORDATA, 2015).

O adiamento da parentalidade tem repercussões graves para a saúde reprodutiva encontrando-se associado ao aumento do risco de ocorrência de gravidez ectópica, aborto espontâneo, nascimento prematuro e natimorto, gravidez pós-termo e de trissomia 21 no nascituro (Schmidt et al., 2012). A baixa natalidade levanta também determinados problemas sociológicos e, conseqüentemente, agrava o sistema de segurança social, na medida em que se assistirá a um envelhecimento da população e à insustentabilidade dos níveis atuais de reformas/pensões, dado que haverá um número cada vez menor de contribuintes, em proporção a um nível cada vez maior de reformados/pensionistas (De Vaus, 2004). Por outro lado, os custos dos cuidados de saúde serão inflacionados, o que leva a uma maior dificuldade no acesso a esses mesmos cuidados.

A literatura tem apontado diferentes fatores sociais, económicos e culturais com peso nestas alterações de padrões. A introdução de métodos contraceptivos seguros na década de 60 permitiu que a parentalidade seja hoje uma questão de escolha do indivíduo e não apenas um dado biológico (Leridon, 2006; Van de Kaa, 2011). Os jovens podem atualmente decidir com elevado controlo, se querem ter filhos, quantos querem ter e quando os querem ter. De igual modo, o desenvolvimento de técnicas de procriação medicamente assistidas (PMA) permitiu a existência, atualmente, de meios complementares de conceção que, entre outros aspetos, têm infundido crenças erróneas acerca da possibilidade de reprodução em períodos mais tardios da vida (Eriksson et al., 2013). Ademais, a publicidade feita a figuras públicas que iniciam a sua trajetória reprodutiva em idades mais avançadas, tem também contribuído para ideologias incorretas acerca da facilidade das mulheres alcançarem a conceção em períodos

tardios de vida (Kalb, 2001). Também o aumento do custo da habitação (Mulder & Billari, 2010; Rindfuss & Brauner-Otto, 2008), do desemprego e da precaridade no mercado de trabalho (Adserá, 2004; Hofmann & Hohmeyer, 2012, Sobotka et al., 2011) têm dificultado a partida dos jovens de casa dos pais e a tomada de decisões a longo prazo, como é a de se tornar- pai ou mãe.

Paralelamente, tem-se assistido ainda a mudanças no comportamento das gerações mais jovens que têm tido reflexo no cumprimento do desiderato da parentalidade. Existe um investimento cada vez maior na educação, sobretudo ao nível do ensino superior, onde, e para agravar a situação, a quantidade de mulheres ultrapassa largamente a dos homens (Sobotka, 2004). Além do facto do tempo passado a estudar, ser visto como incompatível com a possibilidade de ter filhos (Sobotka, 2004), as pessoas que investem na educação têm valores e ideologias distintas daqueles que não seguem esse percurso (Bouwens, Beets & Schippers, 1996). Podemos citar uma menor suscetibilidade a pressões sociais e maiores ambições materiais e profissionais que conduzem invariavelmente a um protelar da construção de uma família e, naturalmente, à entrada numa trajetória de parentalidade. Adicionalmente, existe ainda uma tendência para um aumento da coabitação e vivência sozinha (Sobotka, 2004), e também para uma maior multiplicidade de parceiros na idade jovem que cria alguma instabilidade relacional e leva os sujeitos a adiarem a parentalidade por considerarem o seu parceiro temporário (Wu & Schimmele, 2005).

Estes fatores de influência articulam-se particularmente com a etapa desenvolvimental proposta por Arnett designada por *adulthood emergente* (Arnett; 2000; 2006ab; 2007), que caracteriza os sujeitos entre os 18 e os 25 anos. Esta etapa distingue-se da adolescência e da adultícia pelas suas características próprias. Neste período de transição, existe um maior trabalho desenvolvimental, no sentido da individualização pessoal. O indivíduo torna-se mais independente das figuras parentais e investe na exploração de vários percursos, seja no amor (mudança de parceria), na educação ou na carreira, não atingindo compromissos característicos à idade adulta, como são o casamento e a parentalidade.

Os fatores apresentados, embora sejam uma justificação plausível e documentada para as alterações nos padrões de fertilidade, deixam fora de discussão a qualidade das relações que são estabelecidas por adultos emergentes. Nas considerações acima realizadas, é possível perceber que existe alguma instabilidade nas relações de intimidade, bem como um trabalho de individualização às figuras parentais nesta etapa desenvolvimental. Ora, a sugestão que a teoria da vinculação nos faz acerca da acumulação de conhecimento e expectativas sobre o *self* e os outros perante o modo consistente ou inconsistente com que se estabelece a interação

com figuras significativas (Bowlby, 1969/1982) deixa patente a importância das relações estabelecidas ao longo do ciclo vital, no modo como o sujeito percebe o mundo social. Parece-nos assim importante que as questões relacionais sejam pesadas segundo estes fatores de influência. Certo é que a teoria da vinculação serviu já de base para estudos acerca do desejo dos jovens para ter filhos. Assim, no espaço que segue, fazemos uma conceptualização da teoria da vinculação, incorporando a sua interdependência descrita à motivação para a parentalidade futura.

3.1 Vinculação aos pais e ao par amoroso

A teoria da vinculação descrita inicialmente por Bowlby (1969/1982; 1973; 1980), estabeleceu-se como grelha teórica fundamental no estudo das relações. Esta teoria postula a predisposição humana para o estabelecimento de relações de proximidade com um outro significativo desde os primeiros anos de vida.

O estabelecimento desta relação deve-se à existência de um *sistema comportamental* na criança (Bowlby, 1969/1982), que determina a organização de um conjunto de comportamentos a colocar em ação (e.g. chupar, chorar, agarrar), dado os sinais emitidos pelo organismo (e.g. fome, dor, cansaço) e pelo ambiente que a rodeia (e.g. desencorajamento, ausência, estímulos ameaçadores) (Sroufe & Waters, 1977).

Estes comportamentos específicos, designados de *comportamentos de vinculação*, têm como objetivo último a própria proteção, no entanto, tornam-se também fundamentais para o estabelecimento e manutenção da proximidade a uma figura que proporciona cuidados e, naturalmente, assegura a sobrevivência (Bowlby, 1969/1982).

Ora, o modo consistente ou inconsistente com que se irá dar a interação com esta figura, proporcionará na criança a construção gradual de um conjunto de informações e expectativas. Expectativas essas relacionadas, por um lado com a capacidade do outro para perceber e interpretar corretamente os sinais que lhe são enviados e de lhes responder pronta e adequadamente (responsividade e acessibilidade dos outros), e, por outro lado, expectativas ligadas ao seu valor próprio e à sua influência nos demais (representações generalizadas do *self*) (Soares, 2009). Estas expectativas e conhecimentos são conceituados por Bowlby (1969/1982) de *modelos internos dinâmicos*. Um modelo do outro caracterizado pela positividade da acessibilidade e responsividade tende a associar-se a um modelo do *self* como competente e amado (Bowlby, 1973). Por seu turno, uma representação do outro enquanto inacessível e não responsivo encontra-se associado a um modelo negativo do *self*.

Os *modelos internos dinâmicos* instituídos tendem a orientar a forma como a pessoa reage, compreende e se comporta nas relações interpessoais (Soares, 2009), proporcionando a instalação de regularidades de funcionamento: *Seguro*, *Evitante* e *Ansioso-Ambivalente* (Ainsworth et al., 1978). Estes estilos de vinculação caracterizam a qualidade da relação de vinculação estabelecida.

Assim, a figura de prestação de cuidados que se mostre acessível e responsiva irá contribuir para construção de uma vinculação segura (George & Solomon, 1996). Desta forma, a criança irá utilizar o cuidador como *Base Segura*, isto é, como base a partir da qual explorará o ambiente, mas também, com a qual se irá reunir, sem manifesto evitamento, após cada exploração (Ainsworth et al., 1978). Em contrapartida, a figura que faculte continuamente respostas inadequadas ou inconsistentes perante os sinais que lhe são transmitidos, irá contribuir para a construção de uma vinculação insegura (George & Solomon, 1996). Deste modo, a criança irá focar-se na exploração do mundo, evitando ou ignorando o cuidador mesmo perante a sua presença (*Evitante*), ou então, poderá não ser capaz de iniciar comportamentos de exploração do meio, dada a extensão exagerada do *Protesto de Separação (Ansioso-Ambivalente)* (Ainsworth et al., 1978). Este último estilo de vinculação caracteriza-se ainda pela manifestação, na presença da figura de prestação de cuidados, de comportamentos de procura de proximidade e simultaneamente, de afastamento ativo.

Uma relação de vinculação constitui assim uma matriz relacional (Sroufe, 1990) hierárquica e complementar (Ainsworth, 1991) entre uma figura vinculada, que interage no sentido de encontrar proteção, e uma figura de vinculação, que, pela sua maior competência, age no sentido de facultar apoio, proteção e cuidados (Bowlby, 1969/1982).

Ainda que os modelos internos dinâmicos se desenvolvam logo nas primeiras interações entre criança e cuidador, eles são mutáveis, tendo a capacidade de se reorganizarem ao longo da infância e especialmente na adolescência (Bowlby, 1973). A propósito, Bowlby (1979) foi peremptório ao conferir uma dimensão desenvolvimental ao sistema de vinculação: “*attachment behavior is held to characterize human beings from the cradle to the grave*” (p. 129). Paralelamente, Ainsworth (1989) não descarta a hipótese da vinculação além da infância chamando à atenção para a possibilidade de que as relações com os pares, sobretudo o amoroso, se instituem eventualmente em vinculações.

Embora estes autores tenham levantado a hipótese de que o sistema comportamental da vinculação se mantém após a infância, a sistematização do estudo da vinculação amorosa só

foi observada a partir da década de 90, com os estudos de Hazan e colaboradores (Hazan & Shaver, 1987, 1994; Hazan & Zeifman, 1994, 1999).

Hazan e Shaver (1987) identificaram nas relações românticas estilos de vinculação congêneres aos da infância. De acordo com os autores, a cada um desses estilos concordam modos padronizados de considerar o *self*, os outros e o mundo, por interposto de modelos mentais instituídos (os chamados modelos internos dinâmicos por Bowlby). Estes modelos relacionais são suscetíveis de serem reconstruídos ao longo do desenvolvimento do sujeito, nomeadamente através das relações de vinculação com amigos e com pares amorosos (Hazan & Shaver, 1987; 1994).

O curso do desenvolvimento da vinculação ao parceiro amoroso passa pela instalação das componentes de vinculação observadas na infância (Hazan & Zeifman, 1994, 1999). Estas componentes são transferidas de forma gradual de pais para pares. A primeira componente transferida é a *Procura de Proximidade* (no final da infância), seguida do *Porto Seguro* (na adolescência), e, por último, da *Base Segura* (na idade adulta). A vinculação na adultícia cumpre o requisito da presença de todos os componentes de vinculação ao fim de, pelo menos, dois anos. Assim, tal como a criança na relação com as figuras de prestação de cuidados, o adulto pode utilizar o parceiro romântico enquanto *Porto Seguro* e *Base Segura* e experienciar a sua perda por meio de comportamentos de *Protesto de Separação* (Hazan & Zeifman, 1994).

O estabelecimento de novas relações não pressupõe que os pais sejam excluídos do papel de figuras de vinculação (Hazan & Zeifman, 1994, 1999). Em termos de organização hierárquica, prevê-se que, do nascimento ao final da adolescência, os pais se conservem como as principais figuras vinculativas. Com o desenvolvimento do sujeito, os pares vão obtendo superior importância, acabando o par amoroso por assumir o primeiro lugar na rede hierárquica (Hazan & Zeifman, 1994; Trinke & Bartholomew, 1997). A figura amorosa afigura-se numa das mais importantes no que respeita ao apoio social logo no final da adolescência (Rocha, 2008). Tem sido descrita no adulto como a figura de vinculação com maior peso hierárquico, seguida do par de amigos, da mãe, do pai e dos irmãos (Hazan & Zeifman, 1994; 1999; Trinke & Bartholomew, 1997).

A ampliação do sistema de vinculação na infância às relações amorosas é repleta de mudanças, seja na própria natureza da relação, seja nos sistemas que nela operam. No que respeita à natureza da relação, constata-se a instauração de uma interação simétrica e recíproca, onde tanto se é sujeito a segurança e cuidados, como se é prestador de apoio e cuidados (Ainsworth, 1991; Hazan & Shaver, 1987; 1994). Também se evidencia, na idade

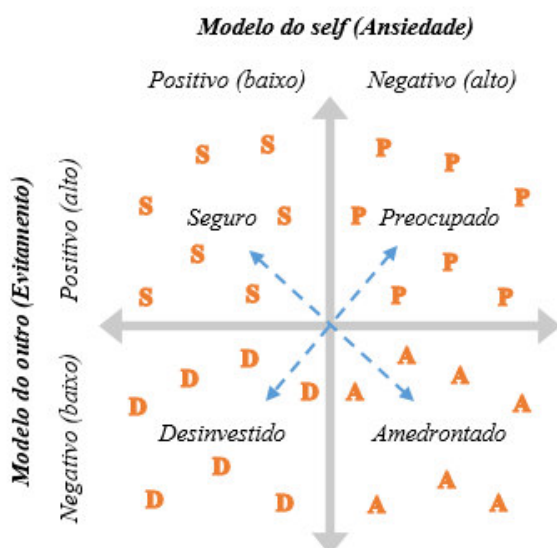
adulta, a atuação de um sistema sexual (Hazan & Shaver, 1987; 1994; Hazan & Zeifman, 1994) que serve de ativador de comportamentos de *Procura de Proximidade* (Hazan & Shaver, 1994). Estes comportamentos no sistema relacional adulto visam o envolvimento sexual, enquanto que, na infância, o seu objetivo passa pela própria proteção (Bowlby, 1969/1982).

Assim, na relação amorosa a atração física e o relacionamento sexual, dimensões inerentes à operação do sistema sexual, ganham lugar de destaque no início da relação, porém, a sua importância diminui perante a continuidade da relação, uma vez que se inicia a interação com os sistemas de prestação de cuidados e de vinculação (Hazan & Shaver, 1994). Tal, coloca em foco o facto de os relacionamentos sexuais não poderem ser observados como relações de vinculação, uma vez que a operação do sistema sexual não implica inicialmente a existência de uma relação afetiva (Faria, Fonseca, Lima, Soares & Klein, 2009). Porém, este sistema constitui elemento central para a criação de um vínculo entre os parceiros (Hazan & Shaver, 1994), mas também para a continuidade da espécie, uma vez que, levando ao relacionamento sexual se torna no instrumento da parentalidade (Miller, 1994).

Concorrendo para o desenvolvimento da teoria da vinculação e tendo por base o conceito de modelos internos dinâmicos de Bowlby (1969/1982), surge um modelo bidimensional da vinculação no adulto (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Este modelo centra-se na ideia de que a vinculação se organiza entre a positividade e a negatividade das imagens internalizadas de si e do outro, construídas e sancionadas através das relações significativas (de vinculação) ao longo do ciclo vital. Neste sentido, o modelo do *self* pode ser positivo ou negativo, ou seja, enquanto merecedor de amor e apoio, ou então, não merecedor de amor e apoio. Assim como, o modelo do outro pode ser positivo ou negativo, isto é, enquanto responsivo e confiante, ou então, rejeitante e indisponível. Ao modelo do *self* associa-se o grau de ansiedade nas relações e ao modelo do outro associa-se o grau de evitamento. Do cruzamento destas dimensões latentes resultam quatro protótipos de vinculação e regulação emocional: *Seguro*, *Preocupado*, *Desinvestido* e *Amedrontado* (Figura 1).

Figura 1

Padrões de vinculação resultantes da combinação das duas dimensões latentes, segundo o modelo de Bartholomew e colaboradores



Nota. Adaptado de Griffin & Bartholomew (1994ab)

Como podemos observar na Figura 1, os sujeitos com protótipo *Seguro* (quadrante superior esquerdo) combinam representações positivas do *self* e dos outros. Este protótipo caracteriza indivíduos confiantes e seguros com propensão para o envolvimento afetivo com os outros, possibilitando o desenvolvimento de novos laços para a sua rede social afetiva (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). As suas relações afetivas são pautadas pela intimidade e mutualidade, e todas elas são perspectivadas como experiências promotoras de conhecimento. A utilização de estratégias de *coping* ativas, como o recurso aos outros em situações de ameaça, é comum nos indivíduos compreendidos neste quadrante.

Por sua vez, os indivíduos com protótipo *Preocupado* (quadrante superior direito) conciliam uma imagem negativa do *self* e positiva dos outros. Estes sujeitos tendem a apresentar baixa autoestima e grande procura da aceitação e valorização do outro, traduzida numa exacerbada *Procura de Proximidade*. Exibem altos níveis de dependência emocional em relação ao outro, ansiedade de separação e medo de abandono. As suas relações afetivas são marcadas pelo ciúme e sentimento de posse.

Já os sujeitos com protótipo *Desinvestido* (quadrante inferior esquerdo) combinam representações positivas do *self* e negativas do outro. A moderada ou alta autoconfiança e a percepção de que os outros detêm uma visão negativa de si, faz com que desvalorizem as

relações pessoais, pautadas por um baixo envolvimento e procura de proximidade emocional, bem como pela ausência de *Protesto de Separação*. A utilização de estratégias de evitamento e resistência na resolução de problemas são comuns nos indivíduos compreendidos neste quadrante.

Por fim, os sujeitos com protótipo *Amedrontado* (quadrante inferior direito) apresentam representações negativas, quer do *self*, quer do outro. A sua insegurança e vulnerabilidade, bem como a percepção de que os outros têm uma representação negativa de si, levam a que desejem a proximidade com o outro, embora a evitem, dado o excessivo medo da rejeição. As relações de intimidade estabelecidas por estes sujeitos resultam do empreendimento do outro, apesar de que, perante a continuidade, se tornem dependentes da relação.

Este modelo bidimensional assume a variabilidade individual de cada indivíduo na aproximação a cada padrão de vinculação (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Griffin & Bartholomew, 1994ab). Não obstante, considera a possibilidade de existência de vários padrões no mesmo sujeito em detrimento do contexto relacional. Deste modo, é possível observar-se, por exemplo, a coexistência de funcionamentos *Seguro* e *Amedrontado* num mesmo indivíduo, tendo em conta o tipo de relacionamento (pais, pares de amigos ou amoroso). Quando um indivíduo é descrito com um determinado padrão de vinculação, tal significa que as suas experiências relacionais ao longo da vida se aproximam mais de um quadrante do que de outro. Esta abordagem foi confirmada por vários estudos que têm utilizado a análise de *clusters* para enquadrar os sujeitos em grupos correspondentes aos padrões de vinculação (ver para uma revisão Canavarro, Dias, & Lima, 2006). Este procedimento constitui também uma aproximação à abordagem prototípica (Canavarro, Dias, & Lima, 2006).

A investigação empírica, que utilizou este modelo da vinculação, tem permitido observar associações entre a qualidade de vinculação aos pais e a qualidade relacional com os pares (e.g. Bartholomew & Horowitz, 1991; Ávila, Cabral & Matos, 2010; Matos, 2002; Matos & Costa, 2006; Mota, 2008; Rocha, 2008; Rocha, Mota & Matos, 2011), o que, do ponto de vista teórico, permite preconizar-se que, as figuras primárias de cuidados marcam significativamente, mas não de forma determinista, o ciclo de vida, potenciando que, na relação com os outros, seja perpetuado aquilo que foram para aqueles que a elas se vinculam (Mota & Rocha, 2015).

A conceptualização de que a qualidade da vinculação se encontra associada à motivação para a parentalidade encontra-se também ela alicerçada (apesar de que parcamente) em investigação empírica (Rholes et al., 1995; 1997).

Rholes et al.,(1995;1997) examinaram a relação entre os estilos de vinculação e o desejo de ter filhos em estudantes universitários que ainda não haviam sido pais. Foi colocada a hipótese de que os sujeitos evitantes, dado a integração de modelos internos que proporcionam baixa proximidade e intimidade com o outro, seriam pouco propensos a querer ter filhos. As análises realizadas, no primeiro estudo, tiveram em conta a comparação entre estilos de vinculação inseguros e seguros. Já o segundo estudo examinou as relações entre os estilos de vinculação inseguros.

Os resultados destas investigações foram concordantes entre si. Foi demonstrado que sujeitos caracterizados por um estilo de vinculação evitante (desinvestidos) manifestam menos desejo de ter filhos que aqueles que têm uma vinculação segura e ansiosa-ambivalente (preocupados). Não obstante, os sujeitos ansiosos-ambivalentes (preocupados) que apresentam, grandes dúvidas quanto ao seu papel enquanto pais, manifestam um forte desejo em ter filhos.

De acordo com os autores, a menor motivação para a parentalidade apresentada por indivíduos caracterizados por um estilo de vinculação evitante (desinvestido) encontra-se relacionada com a preservação da sua autoimagem positiva. Já a grande motivação para a parentalidade apresentada pelos indivíduos ansiosos-ambivalentes (preocupados) parece advir da sua característica procura exacerbada da proximidade que os torna mais propensos a investir no cuidar dos outros.

Embora estas investigações (Rholes et al., 1995; 1997) tenham analisado a relação entre os estilos de vinculação e o desejo de ter filhos, esses estudos só permitiram uma avaliação parcial das motivações para a parentalidade. Em primeiro lugar, os autores, ao não conceituarem as motivações para a parentalidade multidimensionalmente, impedem a distinção e a medição das motivações positivas e das motivações negativas para a parentalidade (Miller, 1994). Em segundo lugar, o instrumento utilizado para efeito de avaliação do desejo de ter filhos foi contruído especificamente para os estudos, sem que fosse testada (pelo menos tal não foi referido) a relevância de conteúdo e a sua compreensão, antes da aplicação.

Outro aspeto a salientar, tem que ver com o foco exclusivo no sistema de vinculação nas relações românticas. Apesar de a investigação ter sugerido que a vinculação ao parceiro romântico pode ser mais influente no jovem adulto (Hazan & Zeifman, 1994; 1999; Trinke &

Bartholomew, 1997), parece-nos necessário que se investigue o seu peso nas motivações para a parentalidade, comparativamente com a vinculação a cada um dos pais. Ainda relativamente à vinculação, aponta-se como limitação dos estudos realizados a falta de uma descrição quanto ao número ou percentagem de sujeitos com cada uma das organizações de vinculação, bem como, quanto às associações entre as várias dimensões da vinculação e a motivação para a parentalidade.

Não esquecer, ainda, que a pesquisa precedente foi realizada em tempos cronologicamente remotos aos atuais, bem como contextualmente diferentes. Como já fora referido neste trabalho, a taxa de natalidade tem variado significativamente ao longo do tempo (PORDATA, 2015). Da mesma forma, as motivações para a parentalidade têm sido ainda reconhecidas como sujeitas a variações socioculturais (Guedes et al., 2011; Inborn & Van Balen, 2002; Miller, 1995; Van Rooij et al., 2007).

Parece-nos assim necessários novos contributos que ajudem a compreender as associações entre a vinculação e a motivação para a parentalidade, nomeadamente os motivos favoráveis e desfavoráveis, bem como uma perspetiva enquadrada no contexto português atual.

III. ESTUDO EMPÍRICO

1. Objetivos

1. Analisar as associações entre as dimensões de motivação para a parentalidade e as dimensões relacionais (vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso);
2. Analisar as dimensões relacionais (vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso) como preditores da motivação para a parentalidade;
3. Analisar o efeito da vinculação aos pais e ao par amoroso, das variáveis demográficas e do desejo de ter filhos no futuro ao nível da motivação para a parentalidade;
4. Classificar os participantes no estudo de acordo com a abordagem prototípica da vinculação (Bartholomew 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) a partir das dimensões de vinculação aos pais e ao par amoroso;
5. Testar a associação entre o desejo de ter filhos no futuro e os protótipos de vinculação na relação com os pais e com o par amoroso e variáveis demográficas.

2. Método

2.1 Participantes

Os dados foram recolhidos através de um questionário eletrónico cujo *link* foi divulgado por *email* a 333 instituições do ensino superior. Na Universidade Portucalense Infante D. Henrique a divulgação foi feita a 2144 estudantes. Além disso, o questionário foi divulgado em redes sociais atingindo um potencial de 2456 contactos. No total, estima-se que o convite de participação no estudo tenha sido dirigido a pelo menos 4600 indivíduos, dos quais 272 participaram preenchendo o questionário eletrónico, mas só 234 foram incluídos no estudo.

Os participantes, cujos dados sociodemográficos se encontram escritos na Tabela 1.1, são na sua maioria do género feminino ($n = 199$, 85%), com 18 anos ($n = 46$, 19.7%), a viver com os pais ($n = 118$, 60.1%), frequentam a licenciatura ($n = 190$, 81.2%) numa instituição do ensino superior público politécnico ($n = 105$, 45%) do Norte do país ($n = 216$, 92%), encontram-se numa relação de namoro ($n = 131$, 56%), desejam ter filhos no futuro ($n = 190$, 81.2%) e são provenientes de famílias intactas ($n = 185$, 79.1). A maior parte dos pais dos participantes tem o 9º ano de escolaridade ($n = 59$, 23.9%), as mães o 12º ano ($n = 64$, 27.4%),

as profissões dos pais são manuais ($n = 71$, 30.3%), as profissões das mães são ligadas a atividades domésticas ($n = 49$, 20.9%) e o rendimento mensal da família está entre os 1400 e os 1700 euros ($n = 69$, 29.5%).

O acesso aos participantes foi realizado através de uma estratégia não probabilística (intencional), em que a probabilidade relativa de um qualquer elemento ser incluído na amostra é desconhecida. Trata-se de uma amostra homogénea, dado que se verifica uma distribuição uniforme da variável em estudo, isto é todos os participantes são jovens adultos. Trata-se de uma amostra de conveniência ou acidental, em que os membros da classe profissional foram convidados a participar no estudo através do preenchimento de um questionário eletrónico, sem que as suas características fossem intencionalmente escolhidas para garantir a representatividade da variável (Pais-Ribeiro, 1999).

Tabela 1.1

Caracterização sociodemográfica dos participantes (N =234)

Género		
Masculino	15%	$n = 35$
Feminino	85%	$n = 199$
Idade		
18	19.7%	$n = 46$
19	16.2%	$n = 38$
20	19.2%	$n = 45$
21	16.2%	$n = 38$
22	11.1%	$n = 26$
23	10.7%	$n = 25$
24	4.7%	$n = 11$
25	2.1%	$n = 5$
$M = 20.44, DP = 1.90$		
Ciclo de estudos		
Licenciatura	81.2%	$n = 190$
Mestrado	17.1%	$n = 40$
Doutoramento	1.7%	$n = 4$
Instituição de ensino		
Ensino Superior Público Politécnico	45%	$n = 105$
Ensino Superior Público Universitário	29%	$n = 68$
Ensino Superior Privado Universitário	25%	$n = 59$
Ensino Superior Privado Politécnico	1%	$n = 2$
Região da instituição de ensino		
Norte de Portugal	92%	$n = 216$
Centro de Portugal	2%	$n = 4$
Sul de Portugal	5%	$n = 12$
Fora do País	1%	$n = 2$
Habitação durante o ano letivo		
Vive sozinho	4%	$n = 8$
Vive em residência Universitária	3.5%	$n = 7$
Vive com os pais	60.1%	$n = 118$
Vive com outras pessoas	7.1%	$n = 15$
Vive com o par amoroso	2.5%	$n = 5$
Vive com colegas/amigos	22.7%	$n = 45$
Situação amorosa		

Em relação de namoro	56%	<i>n</i> = 131
Nunca namoraram, mas já 'curtiram'	4.3%	<i>n</i> = 10
Nunca namoraram	11.1%	<i>n</i> = 26
Já namoraram	28.6%	<i>n</i> = 67
<i>M</i> = 26.01, <i>DP</i> = 25.08		
Desejo de ter filhos		
Não pretendem ter filhos	6%	<i>n</i> = 14
Não sabem ou estão indecisos	12.8%	<i>n</i> = 30
Querem ter filhos	81.2%	<i>n</i> = 190
Tipo de Família		
Famílias intactas	79.1%	<i>n</i> = 185
Famílias monoparentais por divórcio	19.2%	<i>n</i> = 45
Famílias monoparentais por viuvez	1.7%	<i>n</i> = 4
Famílias monoparentais		
Monoparentalidade pura	67.3%	<i>n</i> = 33
Recasamento do pai	20.4%	<i>n</i> = 10
Recasamento da mãe	6.1%	<i>n</i> = 3
Ambos os pais em recasamento	6.1%	<i>n</i> = 3
Habilitações dos pais		
Pai		
4º ano	13.7%	<i>n</i> = 32
6º ano	19.7%	<i>n</i> = 46
9º ano	23.9%	<i>n</i> = 56
Secundário	25.6%	<i>n</i> = 60
Licenciatura	9.4%	<i>n</i> = 22
Bacharelato	3.0%	<i>n</i> = 7
Mestrado	1.7%	<i>n</i> = 4
Doutoramento	2.6%	<i>n</i> = 6
Não respostas	0.4%	<i>n</i> = 1
Mãe		
4º ano	9.8%	<i>n</i> = 23
6º ano	14.1%	<i>n</i> = 33
9º ano	24.8%	<i>n</i> = 58
Secundário	27.4%	<i>n</i> = 64
Licenciatura	16.7%	<i>n</i> = 39
Bacharelato	3%	<i>n</i> = 7
Mestrado	2.1%	<i>n</i> = 5
Doutoramento	1.7%	<i>n</i> = 4
Não respostas	0.4%	<i>n</i> = 1
Profissão dos pais		
Pai		
Enólogo	4%	<i>n</i> = 1
Prof. manuais	30.3%	<i>n</i> = 71
Prof. intelectuais	25.2%	<i>n</i> = 59
Prof. ass. comércio	7.3%	<i>n</i> = 17
Prof. médicas e afins	2.1%	<i>n</i> = 5
Prof. militares e afins	3.8%	<i>n</i> = 9
Reformado	6.8%	<i>n</i> = 16
Desempregado	6.4%	<i>n</i> = 15
Condução de veículos	2.6%	<i>n</i> = 6
Não respostas	15%	<i>n</i> = 35
Mãe		
Prof. domésticas	20.9%	<i>n</i> = 49
Prof. manuais	11.1%	<i>n</i> = 26
Prof. intelectuais	20.1%	<i>n</i> = 47
Prof. ass. comércio	7.3%	<i>n</i> = 17
Prof. médicas e afins	4.3%	<i>n</i> = 10
Prof. militares e afins	4%	<i>n</i> = 1
Reformada	1.7%	<i>n</i> = 4
Desempregada	10.7%	<i>n</i> = 25
Prof. ass. escritório	7.7%	<i>n</i> = 18
Prof. ass. apoio social	2.1%	<i>n</i> = 5
Conselheira de beleza	4%	<i>n</i> = 1
Não respostas	13.2%	<i>n</i> = 31
Rendimento familiar em euros		
300-600	7.7%	<i>n</i> = 18
700-950	14.1%	<i>n</i> = 33
1000-1300	25.2%	<i>n</i> = 59
1400-1700	29.5%	<i>n</i> = 69
> 2000	17.1%	<i>n</i> = 40
Não respostas	6.4%	<i>n</i> = 15

2.2 Instrumentos

A seleção de cada instrumento teve em consideração os objetivos da investigação, os constructos teóricos inerentes a cada medida, bem como sua robustez estatística e replicabilidade.

2.2.1 Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)

O *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (QVPM; Matos & Costa, 2001, versão revista) é um instrumento de autorrelato que pretende avaliar a percepção que adolescentes e jovens adultos têm da qualidade de vinculação a cada um dos elementos parentais (Gouveia & Matos, 2011). Este instrumento é baseado no modelo teórico de vinculação proposto por Bowlby (1982, 1973, 1980) e Ainsworth (1982, 1989, 1991) e Ainsworth e Bowlby, (1991) e no modelo bidimensional (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). É constituído por 30 itens que se distribuem equitativamente por três dimensões: *Qualidade do Laço Emocional* (QLE), *Inibição da Exploração e Individualidade* (IEI) e *Ansiedade de Separação* (AS). A resposta a cada um dos itens é dada através de uma escala de *Likert* de 6 pontos (em que o 1 corresponde a *Discordo totalmente* e o 6 a *Concordo totalmente*). Ao sujeito é requisitado que dê uma resposta a cada frase de acordo com a sua representação no presente acerca de cada uma delas.

Estudos realizados com vista a analisar as qualidades psicométricas do instrumento em amostras portuguesas de adolescentes e jovens adultos têm afirmado a sua adequada validade e fidelidade (para revisão consultar Gouveia & Matos, 2011). O modelo trifatorial reproduzido nos participantes em estudo através de uma análise fatorial confirmatória (Anexo A) revelou uma boa qualidade de ajustamento de acordo com os critérios apresentados por Marôco (2014) (Versão pai: $\chi^2(1.99) = 99.78$; $p \leq .001$; CFI = .98; SRMR = .07; RMSEA = .07; 90% I.C. RMSEA [.05, .08]; Versão mãe: $\chi^2(1.88) = 96.26$; $p = .00$; CFI = .98; SRMR = .05; RMSEA = .06; 90% I.C. RMSEA [.04, .08]). Foram também encontrados índices de consistência interna adequados nas três dimensões, quer na relação com o pai, quer na relação com a mãe (Versão pai: $\alpha_{IEI} = .84$; $\alpha_{QLE} = .96$; $\alpha_{AS} = .89$; Versão mãe: $\alpha_{IEI} = .87$; $\alpha_{QLE} = .93$; $\alpha_{AS} = .87$).

2.2.2 Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)

O *Questionário de Vinculação Amorosa* (QVA; Matos, Barbosa & Costa, 2001) é um instrumento de autorrelato que pretende avaliar a qualidade da vinculação ao par amoroso em adolescentes e jovens adultos. O quadro de referência teórico é equivalente ao do QVPM anteriormente descrito. Neste estudo empírico foi utilizada a versão reduzida (Matos, Cabral & Costa, 2008) composta por 25 itens que se distribuem por 4 fatores: *Confiança* (CONF; 6 itens), *Dependência* (DEP; 6 itens), *Evitamento* (EVIT; 6 itens) e *Ambivalência* (AMB; 7

itens). A resposta a cada um dos itens é dada através de uma escala de *Likert* de 6 pontos (em que o 1 corresponde a *Discordo totalmente* e o 6 a *Concordo totalmente*). Ao sujeito é requisitada a resposta de acordo com o que sente relativamente à qualidade relacional com o seu namorado(a), podendo ser referente à relação atual ou àquela que no passado foi mais duradoira. Deve ser salientado que, os respondentes que nunca tivessem tido uma relação ou cuja relação fosse temporária (definida no questionário como *curtir*), não foram reputados para procedimento estatístico, sendo a amostra no que respeita à vinculação ao par amoroso de 198 sujeitos (participantes que indicaram ter ou terem tido no passado uma relação de namoro significativa).

Estudos psicométricos à versão reduzida em amostras independentes têm evidenciado a sua adequada fidelidade e validade (e.g. Assunção, 2009; Assunção & Matos, 2010; Freitas & Mota, 2015; Melo & Mota, 2013; 2014, Oliveira, 2011, Pinto, 2014). O modelo fatorial em quatro dimensões reproduzido nos participantes em estudo (Anexo B) revelou uma boa qualidade de ajustamento ($\chi^2(1.78) = 171.23; p \leq .001; CFI = .96; SRMR = .07; RMSEA = .06; 90\% \text{ I.C. }_{RMSEA} [.05, .08]$). As quatro escalas apresentam igualmente valores de *alpha de Cronbach* adequados ($\alpha_{CONF} = .87; \alpha_{DEP} = .83, \alpha_{EVIT} = .82; \alpha_{AMB} = .80$).

2.2.3 Escala de Motivações para a Parentalidade (EMP)

A *Escala de Motivações para a Parentalidade* (EMP; Guedes et al., 2013) é um instrumento de autorrelato que pretende avaliar as motivações positivas e negativas para a parentalidade e as suas dimensões. A EMP é constituída por 47 itens, distribuídos por duas subescalas: *Motivações Positivas para a Parentalidade* (26 itens) e *Motivações Negativas para a Parentalidade* (21 itens). Os itens da subescala das *Motivações Positivas para a Parentalidade* (MPP) distribuem-se por 4 dimensões: *Aspetos Socioeconómicos* (ASE; 8 itens), *Realização Pessoal* (RP; 8 itens), *Sentido de Continuidade Pessoal* (SCP; 6 itens) e *Expressão da Qualidade da Relação Conjugal* (EQRC; 4 itens). Já os itens da subescala das *Motivações Negativas para a Parentalidade* (MNP) distribuem-se por 5 dimensões: *Fardo da Educação da Criança e Imaturidade para o Papel Parental* (FECIPP; 6 itens), *Preocupações Sociais e Ecológicas* (PSE; 4 itens), *Tensão Conjugal* (TC; 4 itens), *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos* (PFCE; 4 itens), *Sofrimento Físico e Preocupações com a Imagem Corporal* (SFPIC; 3 itens). A resposta a este instrumento é dada através de uma escala de *Likert* de 5 pontos (em que o 1 corresponde a *Nada* e o 5 à opção *Completamente*). Ao sujeito é requisitada a resposta de acordo com a importância que dá a cada uma das razões

apresentadas como favoráveis (subescala MPP) e desfavoráveis (subescala MNP) para se tornar mãe/pai. No presente estudo, as instruções das partes A e B do instrumento foram adaptadas ao futuro, dado que a população-alvo compreende uma faixa etária para a qual o instrumento não fora inicialmente construído.

O estudo de validação do instrumento reporta valores de ajustamento (validade fatorial) e fidelidade adequados (Guedes et al., 2013). O modelo fatorial reproduzido nos participantes em estudo (Anexo C) revelou uma boa qualidade de ajustamento (MPP: $\chi^2(2.50) = 115.30$; $p \leq .001$; CFI = .96; SRMR = .04; RMSEA = .08; 90% I.C. RMSEA [.06, .10]; MNP: $\chi^2(2.57) = 195.73$; $p \leq .001$; CFI = .95; SRMR = .04; RMSEA = .08; 90% I.C. RMSEA [.07, .10]). Os valores do coeficiente *alpha* de *Cronbach* para a subescala MPP estiveram entre .83 e .9 ($\alpha_{ASE} = .9$; $\alpha_{RP} = .87$; $\alpha_{SCP} = .85$; $\alpha_{EQRC} = .83$). Na subescala das MNP variaram entre .81 e .90 ($\alpha_{FECIPP} = .85$; $\alpha_{PSE} = .85$; $\alpha_{TC} = .87$; $\alpha_{PFCE} = .90$; $\alpha_{SFPIC} = .81$).

2.2.4 Questionário Sociodemográfico

Foi construído um questionário sociodemográfico (Anexo D) específico aos objetivos do estudo. Este teve como objetivo a recolha de dados relativos a dimensões sociodemográficas de forma a identificar critérios de inclusão/exclusão dos sujeitos na amostra, a possibilitar a caracterização detalhada da mesma e a fornecer informações suscetíveis de tratamento estatístico ulterior como variáveis independentes. As informações requisitadas compreenderam a descrição da situação atual do sujeito em termos de idade, nacionalidade, género, vida académica, residência, relação amorosa e desejo de ter ou não filhos. Incluíram ainda a descrição da situação atual de cada uma das figuras parentais em termos de habilitações literárias, estatuto marital, cargo profissional e nível salarial.

2.3 Procedimento

A presente investigação é de natureza transversal do tipo *Ex Post Facto*, descritiva, correlacional e causal-comparativa. Os critérios de inclusão dos participantes no estudo implicam a nacionalidade portuguesa, a não presença de filhos, o estatuto de estudante universitário e a idade entre os 18 e os 25 anos.

Foi solicitado aos autores de cada instrumento a anuência para a sua aplicação (Anexo E, F e G). Foi ainda requerido a adaptação das instruções da EMP (Anexo G).

A recolha de dados foi realizada entre os dias 5 de novembro de 2014 e 27 de janeiro de 2015, através do *Google Docs*. Inseriram-se nesta plataforma instruções sobre os objetivos gerais do estudo. Foi explicado o caráter voluntário da participação e o anonimato e confidencialidade dos dados. Aos participantes foi requerida a sua anuência de participação e obrigatoriedade de resposta a todos os itens dos instrumentos. Os instrumentos apresentaram-se pela seguinte ordem: questionário sociodemográfico, QVPM, QVA e EMP. Foi pedido à Universidade Portucalense que disponibilizasse aos alunos da instituição o *link* de acesso aos questionários e solicitasse a outras universidades a divulgação do mesmo. A rede social *Facebook* foi também utilizada como meio de divulgação. Embora possam existir reservas quanto à validade dos dados recolhidos através de questionários eletrónicos, evidências na literatura sugerem que os métodos de recolha de dados através da internet são uma metodologia de tão boa qualidade quanto os métodos de papel e lápis tradicionais, tendo como vantagem o facto de alcançarem amostras maiores e mais diversificadas, participantes mais motivados e assegurarem o anonimato dos dados (Gosling, Vazire, Srivastava & John, 2004).

2.4 Estratégia de análise de dados

A análise de dados foi realizada no programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 20. Os participantes com mais de 25 anos de idade ($n=35$); que não eram de nacionalidade portuguesa ($n=2$); e que já tinham filhos ($n=1$) foram retirados do estudo uma vez que se pretendia analisar a motivação para a parentalidade de adultos emergentes portugueses.

De modo a verificar a fiabilidade, o QVPM, o QVA e a EMP foram submetidos a análises de consistência interna através do cálculo do valor de *alpha* de *Cronbach*. Estes instrumentos foram ainda submetidos a análises fatoriais confirmatórias de modo a verificar a sua validade de constructo. A análise realizada visou a elaboração de Modelos de Equações Estruturais (*Structural Equation Modelling*). Estes procedimentos foram efetuados com recurso ao *Structural Equation Modeling Software* (EQS), versão 6.1

Realizaram-se testes de normalidade para todas as dimensões. Foram calculadas as medidas de assimetria e curtose, assumindo-se a normalidade sempre que os valores se encontrassem entre -1 e 1. A normalidade foi também avaliada através do teste *Kolmogorov-Smirnov*, admitindo-se que os dados da amostra não diferiam significativamente de uma distribuição normal quando $p < .05$. Foram ainda utilizados diagramas Normal *Q-Q Plot*, para

analisar se o valor observado se encontrava (ou não) em conformidade ao que era esperado (distribuição normal).

As dimensões de qualidade de vinculação na relação com o par amoroso, *Confiança*, *Evitamento* e *Ambivalência* foram submetidas a transformação logarítmica do SPSS dado apresentarem valores de curtose e assimetria que excediam os valores indicados para a sua normalidade (a_4 e $a_3 = \geq \pm 1$). As restantes dimensões encontraram-se distribuídas dentro de valores aceitáveis para a realização de estatísticas paramétricas. A partir deste ponto, as análises efetuadas, incluindo a análise de *clusters*, tiveram em conta as dimensões normalizadas logaritmicamente.

De modo a descrever os dados demográficos e representações acerca do grau de certeza para a parentalidade dos participantes, foram realizadas análises descritivas e de frequência, cujos resultados se encontram descritos na secção participantes. De modo a analisar as associações entre as dimensões de motivação para a parentalidade e as dimensões relacionais (vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso), a magnitude e a direção da associação foram calculadas com recurso ao coeficiente de correlação de *Pearson* (r), com testes de significância bilaterais em $p \leq .05$; $p \leq .01$.

De forma a analisar as dimensões relacionais (vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso) como preditores da motivação para a parentalidade foram realizadas regressões múltiplas hierárquicas (método *forced entry*). De modo a analisar o efeito das variáveis demográficas, da vinculação ao par amoroso e aos pais e do desejo de ter filhos no futuro ao nível da motivação para a parentalidade, foram realizadas análises multivariadas da variância (MANOVAs). Os resultados reportam os valores do traço de *Pillai* ao nível de significância (p) $\leq .05$. A opção pelo traço de *Pillai* justifica-se por ser uma medida que apresenta elevada robustez perante violações de homogeneidade e variância (Tabachnick & Fidell, 1996). Quando se tornou relevante a realização de múltiplas comparações (testes *post hoc*) foi aplicado o teste de *Scheffé*.

De modo a classificar os participantes no estudo de acordo com a abordagem prototípica da vinculação de Bartholomew (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) a partir das dimensões de vinculação aos pais e ao par amoroso foi realizada uma análise de *clusters* (método combinatório). Aqui utilizaram-se os centróides (através do método Hierárquico), que serviram de suporte (através do *K-means*), para a criação de *clusters*. Os padrões de vinculação resultantes para cada contexto relacional foram validados através de MANOVAs.

Por último, a associação entre os protótipos de vinculação na relação com os pais e o par amoroso, variáveis demográficas e o desejo de ter filhos no futuro foi estudada com fundamento na natureza categorial destas variáveis, através de tabelas de contingência utilizando como critério de significância estatística o teste de Qui-quadrado com nível de significância $p \leq .05$.

3. Resultados

3.1 Análise da associação entre a motivação para a parentalidade e as dimensões relacionais (vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso)

A magnitude e a direção da associação entre as dimensões da motivação para a parentalidade e as dimensões relacionais foram calculadas com recurso ao Coeficiente de Correlação de *Pearson* (r).

Da análise da Tabela 1.2, verifica-se que a dimensão *Aspetos Socioeconómicos* se encontra positivamente correlacionada com a *Ansiedade de Separação* ao pai ($r = .31, p = .000$) e à mãe ($r = .22, p = .002$), com a *Inibição da Exploração e Individualidade* ao pai ($r = .26, p = .000$) e à mãe ($r = .27, p = .000$) e com a *Ambivalência* ($r = .22, p = .002$), a *Dependência* ($r = .21, p = .003$) e o *Evitamento* ($r = .15, p = .039$) na relação amorosa. Tais dados sugerem que quanto maior a perceção da importância dos *Aspetos Socioeconómicos*, maior é a *Ansiedade de Separação* e a *Inibição da Exploração e Individualidade* às figuras parentais, bem como, a *Ambivalência*, a *Dependência* e o *Evitamento* ao par amoroso.

No caso da dimensão *Realização Pessoal*, verificam-se correlações positivas com a *Ansiedade de Separação* ao pai ($r = .20, p = .005$) e à mãe ($r = .18, p = .010$) e com a *Dependência* no par amoroso ($r = .38, p = .000$). Esta dimensão correlaciona-se ainda negativamente com a *Confiança* ($r = -.17, p = .019$) e o *Evitamento* ($r = -.21, p = .003$) ao par amoroso. Este resultado indica que quanto maior a perceção da importância da *Realização Pessoal*, maior a *Ansiedade de Separação* às figuras parentais e a *Dependência* ao companheiro, bem como menor a *Confiança* e o *Evitamento na Relação Amorosa*.

Na dimensão *Sentido de Continuidade Pessoal* verificam-se correlações positivas com a *Ansiedade de Separação* ao pai ($r = .27, p = .000$) e à mãe ($r = .23, p = .001$), com a *Qualidade do Laço Emocional* ao pai ($r = .16, p = .023$), e ainda, com a *Dependência* ao par amoroso ($r = .24, p = .001$). Tais dados sugerem que quanto maior a perceção da importância

do *Sentido de Continuidade Pessoal*, maior a *Ansiedade de Separação* às figuras parentais, a *Qualidade do Laço Emocional* ao pai e ainda, a *Dependência* ao par amoroso.

Por sua vez, a dimensão *Expressão da Qualidade da Relação Conjugal* apresenta associações significativas positivas com a *Ansiedade de Separação* ($r = .16, p = .029$) ao pai e a *Dependência* ($r = .40, p = .000$) no par amoroso. Apresenta também correlações negativas com o a *Confiança* ($r = -.29, p = .000$) e o *Evitamento* ($r = -.32, p = .000$) no par amoroso. Este resultado indica que quanto maior a percepção da importância da *Expressão da Qualidade da Relação Conjugal*, maior a *Ansiedade de Separação* ao pai e a *Dependência* ao companheiro, e menor a *Confiança* e o *Evitamento* na relação amorosa.

Na análise da relação da subescala das motivações negativas para a parentalidade verifica-se que as associações positivas significativas estão todas associadas com dimensões mais negativas da vinculação. A saber, a dimensão *Fardo da Educação da Criança e Imaturidade para o Papel Parental* apresenta correlações positivas com a *Inibição da Exploração e Individualidade* ao pai ($r = .22, p = .002$) e à mãe ($r = .19, p = .007$), com a *Ansiedade de Separação* ao pai ($r = .26, p = .000$) e à mãe ($r = .24, p = .001$) e ainda, com a *Ambivalência* ($r = .20, p = .004$) e o *Evitamento* ($r = .18, p = .013$) no par amoroso. Este resultado revela que os participantes que consideram a importância do *Fardo da Educação da Criança e a Imaturidade para o Papel Parental*, apresentam igualmente *Inibição da Exploração e Individualidade* e *Ansiedade de Separação* às figuras parentais, bem como a *Ambivalência* e *Evitamento* ao par amoroso.

Por sua vez, a dimensão *Preocupações Sociais e Ecológicas* encontra-se positivamente correlacionada com a *Ansiedade de separação* ao pai ($r = .28, p = .000$) e à mãe ($r = .27, p = .000$), com a *Inibição da Exploração e Individualidade* à mãe ($r = .19, p = .006$), assim como, com a *Ambivalência* ($r = .16, p = .029$) e a *Dependência* ($r = .21, p = .003$) ao par amoroso. Tais dados sugerem que quanto maiores as *Preocupações Sociais e Ecológicas* da parentalidade, maior a *Ansiedade de separação* às figuras parentais, a *Inibição da Exploração e Individualidade* à mãe, bem como a *Ambivalência* e *Dependência* ao par amoroso.

No caso da dimensão *Tensão Conjugal* e da dimensão *Sofrimento Físico e Preocupações com a Imagem Corporal*, ambas apresentam correlações positivas com a *Inibição da Exploração e Individualidade* ao pai ($r = .19, p = .008$; $r = .19, p = .008$) e à mãe ($r = .24, p = .001$; $r = .21, p = .003$), e ainda, com a *Ambivalência* ($r = .30, p = .000$; $r = .18, p = .011$) e a *Dependência* ao par amoroso ($r = .17, p = .016$; $r = .27, p = .000$). Este resultado revela que quanto maior a percepção de *Tensão Conjugal*, de *Sofrimento Físico e*

Preocupações com a Imagem Corporal no que respeita à parentalidade, maior a *Inibição da Exploração e Individualidade* às figuras parentais, bem como a *Ambivalência e Dependência* ao par amoroso.

Por fim, na dimensão *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos* verificam-se correlações positivas com a *Inibição da Exploração e Individualidade* ao pai ($r = .18, p = .012$) e à mãe ($r = .18, p = .013$) e ainda com a *Ambivalência* ($r = .28, p = .000$) e com o *Evitamento* ($r = .16, p = .025$) ao par amoroso. Este resultado sugere que quanto maior a percepção dos *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos* da parentalidade, maior é a *Inibição da Exploração e Individualidade* às figuras parentais, bem como a *Ambivalência e Evitamento* ao par amoroso.

Tabela 1.2

Valor de r de Pearson entre as dimensões da motivação para a parentalidade e as dimensões relacionais (vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso)

	Dimensões de vinculação									
	Relação com o pai			Relação com a mãe			Relação com o par amoroso			
	<i>IEI</i>	<i>QLE</i>	<i>AS</i>	<i>IEI</i>	<i>QLE</i>	<i>AS</i>	<i>CONF</i>	<i>AMB</i>	<i>DEP</i>	<i>EVIT</i>
<i>EMP</i>										
<i>ASE</i>	.26**	.07	.31**	.27**	-.03	.22**	.04	.22**	.21**	.15*
<i>RP</i>	.07	.04	.20**	.07	.01	.18*	-.17*	.05	.38**	-.21**
<i>SCP</i>	.05	.16*	.27**	.09	.13	.23**	-.07	.08	.24**	-.07
<i>EQRC</i>	.05	.10	.16*	.04	.06	.08	-.29**	-.11	.40**	-.32**
<i>FECIPP</i>	.22**	.07	.26**	.19**	.07	.24**	.07	.20**	.13	.18*
<i>PSE</i>	.13	.10	.28**	.19**	.11	.27**	.00	.16*	.21**	.04
<i>TC</i>	.19**	.02	.13	.24**	-.12	.03	.04	.30**	.17*	.13
<i>PFCE</i>	.18*	.02	.10	.18*	-.02	.06	.11	.28**	.09	.16*
<i>SFPIC</i>	.19**	-.05	.09	.21**	-.03	.09	-.02	.18*	.27**	.02

Nota. EMP = Escala de Motivações para a Parentalidade; ASE = Aspectos Socioeconómicos; RP = Realização Pessoal; SCP = Sentido de Continuidade Pessoal; EQRC = Expressão da Qualidade da Relação Conjugal; FECIPP = Fardo da Educação da Criança e Imaturidade para o Papel Parental; PSE = Preocupações Sociais e Ecológicas; TC = Tensão Conjugal; PFCE = Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos; SFPIC = Sofrimento Físico e Preocupações com a Imagem Corporal; IEI = Inibição da Exploração e Individualidade; QLE = Qualidade do Laço Emocional; AS = Ansiedade de Separação; CONF = Confiança; AMB = Ambivalência; DEP = Dependência; EVIT = Evitamento.

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$.

3.2 Análise das dimensões relacionais (vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso) como preditores da motivação para a parentalidade

Para analisar os preditores relacionais da motivação para a parentalidade foram realizadas análises de regressão múltipla hierárquica. Da observação da Tabela 1.3, verificamos que, no que respeita às motivações positivas para a parentalidade, o modelo explica 20% da variância ($\Delta R^2 = .20$). Contudo, os preditores da vinculação ao par amoroso explicam 18% da variância total ($R^2 = .18$), os preditores na relação com a mãe 21% ($R^2 = .21$) e os preditores na relação com o pai 25% ($R^2 = .25$). Em termos de peso individual nesta subescala, observa-se que a *Ambivalência* e *Dependência* na relação ao par amoroso e a *Ansiedade de Separação* à mãe e ao pai apresentam pesos significativos ($p \leq .05$), com percentagens de 23% ($\beta = .23$), 34% ($\beta = .34$), 20% ($\beta = .20$) e 55% ($\beta = .52$) respetivamente.

No que respeita às motivações negativas para a parentalidade, os resultados indicam que o modelo explica 17% da variância ($\Delta R^2 = .17$). Contudo, os preditores da vinculação ao par amoroso explicam 16% da variância total ($R^2 = .16$), os preditores na relação com a mãe 19% ($R^2 = .19$) e os preditores na relação com o pai explicam 21% ($R^2 = .21$). Analisando o peso individual nesta subescala, observa-se que a *Ambivalência* e a *Dependência* na relação ao par amoroso, bem como a *Ansiedade de Separação* ao pai apresentam pesos significativos ($p \leq .05$), com percentagens de 30% ($\beta = .30$), 27% ($\beta = .27$) e 52% ($\beta = .52$) respetivamente.

Tabela 1.3

Regressão múltipla hierárquica para a motivação para a parentalidade com os preditores da vinculação ao par amoroso, à mãe e ao pai

Preditores	Motivação para a Parentalidade					
	Positiva			Negativa		
	R^2	R^2 Change	β	R^2	R^2 Change	β
Bloco 1	.18	.18		.16	.16	
Confiança na relação com o Par amoroso			-.11			-.09
Ambivalência na relação com o Par amoroso			.23**			.30**
Dependência na relação com o Par amoroso			.34**			.27**
Evitamento na relação com o Par amoroso			-.07			.12
Bloco 2	.21	.04		.19	.03	
Qualidade do Laço Emocional à Mãe			.05			.14
Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe			-.02			.02

Ansiedade de Separação à Mãe			.20*		.12
Bloco 3	.25		.21	.03	
Qualidade do Laço Emocional ao Pai			-.04		-.02
Inibição da Exploração e Individualidade ao Pai			-.30		-.31
Ansiedade de Separação ao Pai			.55*		.52*
Total ΔR^2	.20	.03		.17	
N	198				

Nota. R^2 = Multiple correlation squared; R^2 Change = Multiple correlation squared change; β = population values of regression coefficients; ΔR^2 = adjusted multiple correlation squared; * $p \leq .05$; ** $p \leq .01$

3.3 Análise do efeito da vinculação aos pais e ao par amoroso, das variáveis demográficas, e do desejo de ter filhos no futuro ao nível da motivação para a parentalidade

3.3.1 Motivações positivas para a parentalidade

A avaliação do efeito da vinculação aos pais ao nível das dimensões das motivações positivas para a parentalidade não identificou efeito multivariado da vinculação ao pai (*Pillais's Trace* = .07, $F(12,651) = 1.23$, $p = .257$, $\eta_p^2 = .022$), da vinculação à mãe (*Pillais's Trace* = .04, $F(12,651) = .79$, $p = .655$, $PES = .014$), nem da interação entre a vinculação ao pai e a vinculação à mãe (*Pillais's Trace* = .15, $F(36,872) = .97$, $p = .516$, $\eta_p^2 = .039$).

Foi, contudo, identificado um efeito multivariado na vinculação ao par amoroso (*Pillais's Trace* = .31, $F(12,579) = 5.60$, $p = .000$, $\eta_p^2 = .104$). O efeito univariado verificou-se nos *Aspetos Socioeconómicos* ($F(3,194) = 5.66$, $p = .001$), na *Realização Pessoal* ($F(3,194) = 7.56$, $p = .000$) e na *Expressão da Qualidade da Relação Conjugal* ($F(3,194) = 10.60$, $p = .000$) (ver Tabela 1.4). O teste *post hoc* de *Scheffé* sugere que os indivíduos *Desinvestidos* têm menos preocupações relacionadas com os *Aspetos Socioeconómicos* do que os *Seguros* ($M = -.63$, $DP = .20$, $p = .026$) e do que os *Amedrontados* ($M = -.81$, $DP = .20$, $p = .002$). Estes sujeitos têm também menos *Realização Pessoal* do que os *Seguros* ($M = -.57$, $DP = .18$, $p = .024$) e os *Preocupados* ($M = -.87$, $DP = .19$, $p = .000$). E ainda, menos *Expressão da Qualidade da Relação Conjugal* do que os *Preocupados* ($M = -.95$, $DP = .20$, $p = .000$).

Tabela 1.4

Motivações positivas para a parentalidade em função da vinculação ao par amoroso

	Vinculação ao par amoroso				F
	Desinvestido	Seguro	Preocupado	Amedrontado	
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	
MPP					(3,194)
ASE	1.74 (.15)	2.36 (.14)	2.25 (.15)	2.54 (.14)	5.66**
RP	3.26 (.13)	3.83 (.13)	4.13 (.14)	3.58 (.13)	7.56***
SCP	3.18 (.14)	3.52 (.13)	3.54 (.14)	3.27 (.13)	1.81
EQRC	3.40 (.14)	3.90 (.13)	4.34 (.15)	3.38 (.14)	10.60***

Pillais's Trace = .31***

Nota. MPP = Motivações Positivas para a Parentalidade; ASE = Aspetos Socioeconómicos; RP = Realização Pessoal; SCP = Sentido de Continuidade Pessoal; EQRC = Expressão da Qualidade da Relação Conjugal; M = Média; DP = Desvio padrão; F = F distribution, Fisher's F ratio

** $p < .01$, *** $p < .001$

Os resultados da análise permitiram ainda identificar diferenças multivariadas do género ao nível das motivações positivas para a parentalidade ($Pillais's Trace = .05$, $F(,225) = 2.79$, $p = .027$, $\eta_p^2 = .047$), mas não ao nível da idade ($Pillais's Trace = .00$, $F(8,452) = .20$, $p = .999$, $\eta_p^2 = .002$), nem da interação entre a idade e o género ($Pillais's Trace = .02$, $F(8,452) = .56$, $p = .809$, $\eta_p^2 = .010$). Note-se uma diferença univariada marginalmente significativa do género na *Realização Pessoal* ($F(1,228) = 3.60$, $p = .059$).

Tabela 1.5

Motivações positivas para a parentalidade em função do género e idade

	Género		F
	Masculino	Feminino	
	M (DP)	M (DP)	
MPP			1,228
ASE	2.36 (.18)	2.26 (.08)	.26
RP	3.40 (.17)	3.75 (.08)	3.60 [†]
SCP	3.48 (.17)	3.33 (.08)	.67
EQRC	3.73 (.18)	3.68 (.08)	.08

Pillais's Trace = .05

Nota. MPP = Motivações positivas para a parentalidade; ASE = Aspetos Socioeconómicos; RP = Realização Pessoal; SCP = Sentido de Continuidade Pessoal; EQRC = Expressão da Qualidade da Relação Conjugal; M = Média; DP = Desvio padrão; F = F distribution, Fisher's F ratio

[†] $p < .01$, *** $p < .001$

Foi também identificado um efeito multivariado no ano que frequenta ao nível das dimensões das motivações positivas para a parentalidade (*Pillais's Trace* = .12, $F(16,896) = 1.80$, $p = .028$, $\eta_p^2 = .031$), mas não do ciclo de estudos (*Pillais's Trace* = .06, $F(8,444) = 1.67$, $p = .104$, $\eta_p^2 = .029$), nem da interação entre o ano e o ciclo de estudos (*Pillais's Trace* = .05, $F(8,444) = 1.28$, $p = .254$, $\eta_p^2 = .022$). Contudo, a análise de efeito entre sujeitos não identificou o efeito do ano que frequenta nas dimensões consideradas (ASE: $F(4,224) = 1.98$, $p = .099$; RP: $F(4,224) = 1.41$, $p = .232$; SCP: $F(4,224) = .79$, $p = .532$; EQRC: $F(4,224) = .40$, $p = .806$) (ver Tabela 1.6).

Tabela 1.6

Motivações positivas para a parentalidade em função do ano

	Ano					F (4,224)
	1º	2º	3º	4º	5º	
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	
MPP						
ASE	3.06 (.26)	2.17 (.17)	2.94 (.37)	1.77 (.18)	2.65 (.59)	1.98
RP	4.02 (.24)	3.63 (.16)	3.80 (.35)	3.92 (.17)	2.83 (.56)	1.41
SCP	3.76 (.24)	3.27 (.16)	3.77 (.34)	3.05 (.17)	3.39 (.55)	.79
EQRC	4.08 (.26)	3.57 (.17)	4.09 (.38)	3.83 (.19)	3.44 (.61)	.40
<i>Pillais's Trace</i> = .12						

Nota. MPP = Motivações Positivas para a Parentalidade; ASE = Aspetos Socioeconómicos; RP = Realização Pessoal; SCP = Sentido de Continuidade Pessoal; EQRC = Expressão da Qualidade da Relação Conjugal; M = Média; DP = Desvio padrão; F = F distribution, Fisher's F ratio

** $p < .01$, *** $p < .001$

Não foi identificado efeito multivariado na categoria rendimento ao nível das motivações positivas para a parentalidade (*Pillais's Trace* = .06, $F(16,856) = .86$, $p = .620$, $\eta_p^2 = .016$).

Foi, todavia, identificado um efeito multivariado no desejo de ter filhos no futuro ao nível das dimensões das motivações positivas para a parentalidade (*Pillais's Trace* = .34, $F(8,458) = 11.66$, $p = .000$, $\eta_p^2 = .169$). O efeito univariado verificou-se na *Realização Pessoal* ($F(2,231) = 48.07$, $p = .000$), no *Sentido de Continuidade Pessoal* ($F(2,231) = 14.36$, $p = .000$) e na *Expressão da Qualidade da Relação Conjugal* ($F(2,231) = 21.76$, $p = .000$) (ver Tabela 1.7). O teste *post hoc* de Scheffé sugere que os indivíduos que não querem ter filhos têm menos *Realização Pessoal* do que os que não sabem ou estão indecisos ($M = -1.07$, $DP = .27$, $p = .000$) e do que os que querem ter filhos ($M = -1.96$, $DP = .23$, $p = .000$). Estes sujeitos têm também menos *Sentido de Continuidade Pessoal* e *Expressão da*

Qualidade da Relação Conjugal do que os que querem ter filhos (SCP: $M = -1.15$, $DP = .25$, $p = .000$; EQRC: $M = -1.52$, $DP = .27$, $p = .000$).

Tabela 1.7

Motivações positivas para a parentalidade em função do desejo de ter filhos no futuro

	Desejo de ter filhos no futuro			F (2,231)
	Sim	Não	Não sabe/Indeciso	
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	
MPP	2.33 (.08)	1.81 (.28)	2.01 (.19)	2.60
ASE	3.95 (.06)	1.99 (.22)	3.06 (.15)	48.07***
RP	3.50 (.07)	2.36 (.24)	2.92 (.17)	14.36***
SCP	3.91 (.07)	2.39 (.26)	3.17 (.18)	21.76***
EQRC				

*Pillais's Trace = .34****

Nota. MPP = Motivações Positivas para a Parentalidade; ASE = Aspectos Socioeconômicos; RP = Realização Pessoal; SCP = Sentido de Continuidade Pessoal; EQRC = Expressão da Qualidade da Relação Conjugal; M = Média; DP = Desvio padrão; F = F distribution, Fisher's F ratio

** $p < .01$, *** $p < .001$

3.3.2 Motivações negativas para a parentalidade

No que respeita às dimensões das motivações negativas para a parentalidade foi observado um efeito multivariado da vinculação ao pai (*Pillais's Trace* = .12, $F(15,648) = 1.78$, $p = .034$, $\eta_p^2 = .039$), mas não da vinculação à mãe (*Pillais's Trace* = .05, $F(15,648) = .75$, $p = .733$, $\eta_p^2 = .017$), nem da interação entre a vinculação ao pai e da vinculação à mãe (*Pillais's Trace* = .20, $F(45,109) = .99$, $p = .492$, $\eta_p^2 = .039$). Contudo, os testes univariados identificam o efeito da vinculação ao pai nas *Preocupações Sociais e Ecológicas* ($F(3,218) = 2.82$, $p = .040$) e nos *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos* ($F(3,218) = 2.72$, $p = .045$) (ver Tabela 1.8). O teste *post hoc* de *Scheffé* revela que os indivíduos com protótipo *Desinvestido* têm menos *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos* do que aqueles que têm um protótipo *Preocupado* ($M = -.59$, $DP = .20$, $p = .037$) e *Amedrontado* ($M = -.67$, $DP = .20$, $p = .013$). Indica também que os sujeitos com protótipo *Seguro* têm menos *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos* do que aqueles que têm um protótipo *Preocupado* e *Amedrontado* ($M = -.67$, $DP = .20$, $p = .017$).

Tabela 1.8

Motivações negativas para a parentalidade em função da vinculação ao pai

	Vinculação ao pai				F (3,218)
	Desinvestido	Seguro	Preocupado	Amedrontado	
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	
MNP	2.62 (.16)	2.31 (.38)	2.97 (.34)	3.00 (.29)	.99
FECIPP	3.00 (.17)	2.47 (.39)	3.79 (.35)	3.47 (.30)	2.82
PSE	2.48 (.17)	2.21 (.40)	2.46 (.36)	2.55 (.31)	.16
TC	2.56 (.18)	2.36 (.42)	2.23 (.37)	3.44 (.32)	2.72
PFCE	2.78 (.19)	2.17 (.44)	2.68 (.40)	3.14 (.34)	1.03
<i>Pillais's Trace = .12</i>					

Nota. MNP = Motivações Negativas para a Parentalidade; FECIPP = Fardo da Educação da Criança e Imaturidade para o Papel Parental; PSE = Preocupações Sociais e Ecológicas; TC = Tensão Conjugal; PFCE = Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos; SFPIC = Sofrimento Físico e Preocupações com a Imagem Corporal; M = Média; DP = Desvio padrão; F = F distribution, Fisher's F ratio
 ** $p < .01$, *** $p < .001$

Foi também observado um efeito multivariado da vinculação ao par amoroso ao nível das dimensões das motivações negativas para a parentalidade (*Pillais's Trace* = .19, $F(15,576) = 2.61$, $p = .001$, $\eta_p^2 = .064$). Note-se o efeito univariado entre a vinculação ao par amoroso e o *Fardo da Educação da Criança e Imaturidade para o Papel Parental* ($F(3,194) = 3.88$, $p = .010$), a *Tensão Conjugal* ($F(3,194) = 4.88$, $p = .003$), os *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos* do que os *Preocupados* ($F(3,194) = 4.83$, $p = .003$) e o *Sofrimento Físico e Preocupações com a Imagem Corporal* ($F(3,194) = 7.45$, $p = .000$) (ver Tabela 1.9). A realização do teste *post hoc* de *Scheffé* sugere que os indivíduos com protótipo *Desinvestido* têm menos o *Fardo da Educação da Criança e Imaturidade para o Papel Parental* e *Tensão Conjugal* do que aqueles que têm um protótipo *Amedrontado* (FECIPP: $M = -.67$, $DP = .20$, $p = .014$; TC: $M = -.87$, $DP = .21$, $p = .003$). Estes sujeitos têm também, menos *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos* do que os *Seguros* ($M = -.65$, $DP = .23$, $p = .045$) e do que os *Amedrontados* ($M = -.80$, $DP = .23$, $p = .008$), e ainda, menos *Sofrimento Físico e Preocupações com a Imagem Corporal* do que os *Seguros* ($M = -.86$, $DP = .23$, $p = .003$), os *Preocupados* ($M = -.94$, $DP = .24$, $p = .001$) e os *Amedrontados* ($M = -.88$, $DP = .23$, $p = .002$).

Tabela 1.9

Motivações negativas para a parentalidade em função da vinculação ao par amoroso

	Vinculação ao par amoroso				F
	Desinvestido	Seguro	Preocupado	Amedrontado	
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	
MNP					(3,194)
FECIPP	2.45 (.15)	2.91 (.14)	2.93 (.15)	3.12 (.14)	3.88**
PSE	3.03 (.15)	3.47 (.14)	3.36 (.16)	3.30 (.15)	1.58
TC	2.13 (.16)	2.62 (.15)	2.60 (.16)	2.96 (.15)	4.88**
PFCE	2.30 (.17)	2.96 (.16)	2.62 (.17)	3.11 (.16)	4.83**
SFPIC	2.06 (.17)	2.92 (.15)	3.01 (.17)	2.94 (.16)	7.45***

Pillais's Trace = .19**

Nota. MNP = Motivações Negativas para a Parentalidade; FECIPP = Fardo da Educação da Criança e Imaturidade para o Papel Parental; PSE = Preocupações Sociais e Ecológicas; TC = Tensão Conjugal; PFCE = Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos; SFPIC = Sofrimento Físico e Preocupações com a Imagem Corporal; M = Média; DP = Desvio padrão; F = F distribution, Fisher's F ratio
** $p < .01$, *** $p < .001$

Os resultados da análise permitiram ainda identificar diferenças multivariadas da idade ao nível das dimensões das motivações negativas para a parentalidade (*Pillais's Trace* = .08, $F(10,450) = 1.97$, $p = .035$, $\eta_p^2 = .042$), mas não do género (*Pillais's Trace* = .03, $F(5,224) = 1.52$, $p = .185$, $\eta_p^2 = .033$), nem da interação entre idade e género (*Pillais's Trace* = .07, $F(10,450) = 1.56$, $p = .116$, $\eta_p^2 = .034$). No entanto, foi identificado um efeito univariado marginalmente significativo da idade nos *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos* ($F(2,228) = 2.83$, $p = .061$) (ver Tabela 1.10). A realização do teste *post hoc* de *Scheffé* sugere que os indivíduos entre os 18 e os 19 anos têm menos *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos* do que os sujeitos com idades compreendidas entre os 23 e os 25 anos ($M = -.70$, $DP = .21$, $p = .005$).

Tabela 1.10

Motivações negativas para a parentalidade em função do género e idade

	Idade			F
	Entre 18-19 anos	Entre 20-22 anos	Entre 23-25 anos	
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	
MNP				(2,228)
FECIPP	2.91 (.17)	2.61 (.15)	2.72 (.19)	.91
PSE	3.18 (.18)	3.01 (.16)	3.08 (.20)	.29
TC	2.58 (.18)	2.36 (.16)	2.31 (.20)	.66
PFCE	2.55	2.48	3.07	2.83 [†]

	(.18)	(.16)	(.21)	
SFPIC	2.74	2.44	2.60	.65
	(.19)	(.17)	(.22)	

Pillais's Trace = .08

Nota. MNP = Motivações Negativas para a Parentalidade; FECIPP = Fardo da Educação da Criança e Imaturidade para o Papel Parental; PSE = Preocupações Sociais e Ecológicas; TC = Tensão Conjugal; PFCE = Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos; SFPIC = Sofrimento Físico e Preocupações com a Imagem Corporal; *M* = Média; *DP* = Desvio padrão; *F* = *F distribution, Fisher's F ratio*

[†]*p* < .01, ****p* < .001

Foi também identificado um efeito multivariado marginalmente significativo da interação entre o ano e o ciclo de estudos ao nível das motivações negativas para a parentalidade (*Pillais's Trace* = .08, $F(10,442) = 1.84$, $p = .052$, $\eta_p^2 = .040$), mas não do ano (*Pillais's Trace* = .13, $F(20,892) = 1.50$, $p = .073$, $\eta_p^2 = .033$), nem do ciclo de estudos que frequenta (*Pillais's Trace* = .07, $F(10,442) = 1.61$, $p = .102$, $\eta_p^2 = .035$). Não foram contudo identificados efeitos univariados da interação entre o ano e o ciclo de estudos nas cinco dimensões das motivações negativas para a parentalidade (FECIPP: $F(2,224) = 1.04$, $p = .355$; PSE: $F(2,224) = .55$, $p = .580$; TC: $F(2,224) = .62$, $p = .540$; PFCE: $F(2,224) = 2.29$, $p = .103$; SFPIC: $F(2,224) = .02$, $p = .981$) (ver Tabela 1.11).

Tabela 1.11

Motivações negativas para a parentalidade em função do ano e ciclo de estudos

	Ano e Ciclo										
	1º			2º		3º		4º	5º		<i>F</i>
	Lic.	Mest.	Dout.	Lic.	Mest.	Lic.	Dout.	Lic.	Lic.		
<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>F</i>	
MNP	(<i>DP</i>)	(<i>DP</i>)	(<i>DP</i>)	(<i>DP</i>)	(<i>DP</i>)	(<i>DP</i>)	(<i>DP</i>)	(<i>DP</i>)	(<i>DP</i>)	(<i>DP</i>)	(2,224)
FECIPP	2.84	3.07	2.92	3.03	2.70	2.89	3.50	2.27	2.78	1.04	
	(.13)	(.22)	(.72)	(.23)	(.24)	(.12)	(.72)	(.18)	(.59)		
PSE	3.29	3.31	4.00	3.33	2.88	3.35	4.00	2.76	3.06	.55	
	(.14)	(.23)	(.77)	(.24)	(.26)	(.13)	(.77)	(.20)	(.63)		
TC	2.58	2.81	2.17	2.55	2.63	2.60	3.33	1.95	2.33	.62	
	(.14)	(.23)	(.77)	(.24)	(.26)	(.13)	(.77)	(.19)	(.63)		
PFCE	2.43	3.08	4.75	2.89	2.93	2.87	3.25	2.12	3.06	2.29	
	(.14)	(.24)	(.78)	(.25)	(.26)	(.13)	(.78)	(.20)	(.64)		
SFPIC	2.72	2.77	3.17	2.57	2.63	2.78	3.00	2.22	3.67	.02	
	(.15)	(.25)	(.84)	(.26)	(.28)	(.14)	(.84)	(.21)	(.68)		

Pillais's Trace = .08

Nota. Lic. = Licenciatura; Mest. = Mestrado; Dout. = Doutorado; MNP = Motivações Negativas para a Parentalidade; FECIPP = Fardo da Educação da Criança e Imaturidade para o Papel Parental; PSE = Preocupações Sociais e Ecológicas; TC = Tensão Conjugal; PFCE = Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos; SFPIC = Sofrimento Físico e Preocupações com a Imagem Corporal; *M* = Média; *DP* = Desvio padrão; *F* = *F distribution, Fisher's F ratio*

p* < .01, *p* < .001

Não foi identificado efeito multivariado na categoria rendimento ao nível das motivações negativas para a parentalidade (*Pillais's Trace* = .07, $F(20,852) = .78$, $p = .738$, $\eta_p^2 = .018$).

Foi, todavia, identificado um efeito multivariado do desejo de ter filhos no futuro ao nível das dimensões das motivações negativas para a parentalidade (*Pillais's Trace* = .13, $F(10, 456) = 3.15$, $p = .001$, $\eta_p^2 = .065$). Nota-se, a este nível, uma diferença univariada no = *Fardo da Educação da Criança e Imaturidade para o Papel Parental* ($F(2,231) = 8.31$, $p = .000$) e nos *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos* ($F(2,231) = 5.06$, $p = .007$) (ver Tabela 1.12). O teste *post hoc* de Scheffé sugere que os indivíduos que não querem ter filhos têm mais *Fardo da Educação da Criança e Imaturidade para o Papel Parental* e *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos* do que os que querem ter filhos (FECIPP: $M = .76$, $DP = .28$, $p = .025$; PFCE: $M = .89$, $DP = .31$, $p = .018$).

Tabela 1.12

Motivações negativas para a parentalidade em função do desejo de ter filhos no futuro

	Desejo de ter filhos no futuro			F (2,231)
	Sim	Não	Não sabe/Indeciso	
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	
MNP				
FECIPP	2.69 (.07)	3.45 (.27)	3.33 (.18)	8.31***
PSE	3.24 (.08)	3.20 (.29)	3.13 (.20)	.14
TC	2.47 (.08)	2.83 (.29)	2.80 (.20)	1.73
PFCE	2.61 (.08)	3.50 (.30)	2.98 (.21)	5.06**
SFPIC	2.66 (.09)	2.76 (.32)	2.78 (.22)	.17

Pillais's Trace = .13**

Nota. MNPP = Motivações Negativas para a Parentalidade; FECIPP = Fardo da Educação da Criança e Imaturidade para o Papel Parental; PSE = Preocupações Sociais e Ecológicas; TC = Tensão Conjugal; PFCE = Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos; SFPIC = Sofrimento Físico e Preocupações com a Imagem Corporal; M = Média; DP = Desvio padrão; F = F distribution, Fisher's F ratio

** $p < .01$, *** $p < .001$

3.4 Classificação dos participantes no estudo de acordo com a abordagem prototípica da vinculação (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) a partir das dimensões de vinculação aos pais e ao par amoroso

3.4.1 Padrões de vinculação na relação com o pai

Da análise de *clusters* para as dimensões que avaliam a qualidade relacional ao pai foram identificadas diferenças multivariadas (*Pillais's Trace* = 1.61, $F(9,690) = 88.76$, $p = .000$, $\eta_p^2 = .537$). Como se pode verificar na Tabela 1.13, os resultados univariados identificam maior *Inibição da Exploração e Individualidade* ($F(3,230) = 80.23$, $p = .000$) nos indivíduos agrupados no *cluster Amedrontado* e maior *Qualidade do Laço Emocional* ($F(3,230) = 191.34$, $p = .000$) e *Ansiedade de Separação* ($F(3,230) = 195.16$, $p = .000$) nos indivíduos agrupados no *cluster Preocupado* (em maior quantidade na amostra). Identificam também menores valores de *Inibição da Exploração e Individualidade* nos indivíduos agrupados no *cluster Seguro* e os menores valores de *Qualidade do Laço Emocional* e *Ansiedade de Separação*, nos indivíduos agrupados no *cluster Desinvestido*. Através da Figura 2 é possível visualizar a representação gráfica das curvas dimensionais.

Tabela 1.13

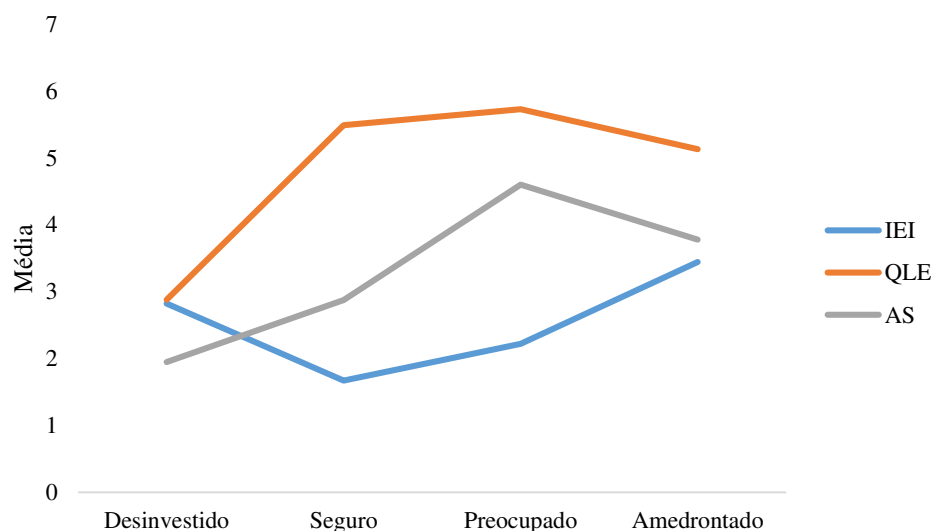
Caracterização da relação com o pai na distribuição entre padrões de vinculação

Dimensões	Padrões de vinculação ao pai				F (3,230)
	Cluster 1 Desinvestido (n = 48)	Cluster 2 Seguro (n = 57)	Cluster 3 Preocupado (n = 66)	Cluster 4 Amedrontado (n = 63)	
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	
IEI	2.82 ^a (.10)	1.67 ^b (.09)	2.22 ^c (.08)	3.44 ^d (.08)	80.23
QLE	2.81 ^a (.10)	5.49 ^b (.09)	5.73 ^c (.08)	5.13 ^d (.09)	191.34
AS	1.95 ^a (.09)	2.87 ^b (.08)	4.60 ^c (.08)	3.78 ^d (.08)	195.16

Nota. IEI = Inibição da Exploração e Individualidade; QLE = Qualidade do Laço Emocional; AS = Ansiedade de Separação; n = Número de sujeitos; M = Média; DP = Desvio padrão; F = F distribution, Fisher's F ratio; As diversas letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de $p \leq .05$.

Figura 2

Padrões de vinculação na relação com o pai



Legenda. IEI = Inibição da Exploração e Individualidade; QLE = Qualidade do Laço Emocional; AS = Ansiedade de Separação

3.4.2 Padrões de vinculação na relação com a mãe

Os resultados da análise permitem identificar diferenças multivariadas ao nível das dimensões da vinculação à mãe na distribuição entre *clusters* (*Pillais's Trace* = 1.64, $F(9,690) = 92.45$, $p = .000$, $\eta_p^2 = .547$). Os resultados univariados identificam maior *Qualidade do Laço Emocional* ($F(3,230) = 152.03$, $p = .000$) e *Ansiedade de Separação* ($F(3,230) = 160.63$, $p = .000$) nos indivíduos agrupados no *cluster Preocupado* (em maior quantidade na amostra), sendo os menores valores nestas dimensões ostentados pelos sujeitos agrupados no *cluster Desinvestido*. Os resultados identificam para a *Inibição da Exploração e Individualidade* ($F(3,230) = 124.53$, $p = .000$) maiores valores nos jovens agrupados no *cluster Amedrontado* e menores valores nos indivíduos agrupados no *cluster Seguro* (ver Tabela 1.14). Na Figura 3 é possível observar a representação gráfica das curvas dimensionais.

Tabela 1.14

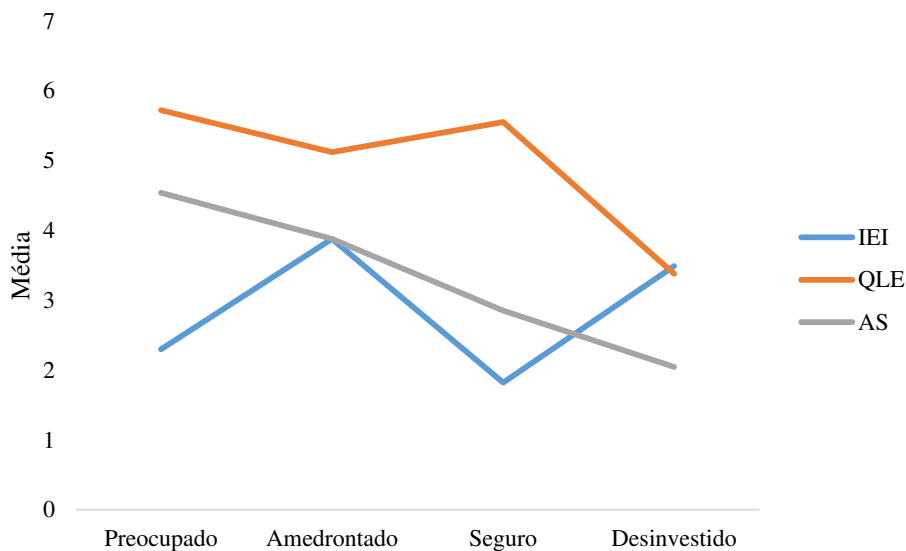
Caracterização da relação com a mãe na distribuição entre padrões de vinculação

Dimensões	Padrões de vinculação à mãe				F (3,230)
	Cluster 1 Preocupado (n = 98)	Cluster 2 Amedrontado (n = 52)	Cluster 3 Seguro (n = 60)	Cluster 4 Desinvestido (n = 24)	
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	
IEI	2.30 ^a (.06)	3.88 ^b (.09)	1.82 ^c (.08)	3.50 ^d (.13)	124.53
QLE	5.72 ^a (.05)	5.12 ^b (.07)	5.55 ^c (.06)	3.38 ^d (.10)	152.03
AS	4.54 ^a (.06)	3.88 ^b (.09)	2.85 ^c (.08)	2.05 ^d (.13)	160.63

Nota. IEI = Inibição da Exploração e Individualidade; QLE = Qualidade do Laço Emocional; AS = Ansiedade de Separação; n = Número de sujeitos; M = Média; DP = Desvio padrão; F = F distribution, Fisher's F ratio; As diversas letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de $p \leq .05$.

Figura 3

Padrões de vinculação na relação com a mãe



Legenda. IEI = Inibição da Exploração e Individualidade; QLE = Qualidade do Laço Emocional; AS = Ansiedade de Separação

3.4.3 Padrões de vinculação na relação ao par amoroso

Foram identificadas diferenças multivariadas ao nível das dimensões que avaliam a qualidade relacional ao par amoroso na distribuição entre clusters (*Pillais's Trace* = 1.35, $F(12,579) = 39.679$, $p = .000$, $\eta_p^2 = .451$). Como se pode verificar na Tabela 1.15, os resultados univariados identificam maior *Confiança* ($F(3,194) = 94.53$, $p = .000$), *Ambivalência* ($F(3,194) = 135.332$, $p = .000$) e *Evitamento* ($F(3,194) = 78.286$, $p = .000$) nos

indivíduos agrupados no *cluster Amedrontado* e menor *Confiança* ($F(3,194) = 94.53, p = .000$), *Ambivalência* ($F(3,194) = 135.332, p = .000$) e *Evitamento* ($F(3,194) = 78.286, p = .000$) nos sujeitos agrupados no *cluster Preocupado*. Ao nível da *Dependência* ($F(3,194) = 93.97, p = .000$) os resultados univariados identificam maiores valores nos jovens agrupados no *cluster Preocupado* e menores valores nos sujeitos que se incluem no *cluster Desinvestido*. Os sujeitos agrupados no *cluster Seguro* encontram-se em maior quantidade na amostra.

De modo a corrigir a normalidade da distribuição, as variáveis *Confiança*, *Ambivalência* e *Evitamento* foram logaritmizadas conforme sugerido por Field (2009). A variável *Dependência* foi integrada juntamente com a variável *Confiança* em função dos resultados obtidos na análise de *clusters*. A Figura 4, que representa as curvas dimensionais, foi criada a partir das dimensões normalizadas logaritmicamente.

Tabela 1.15

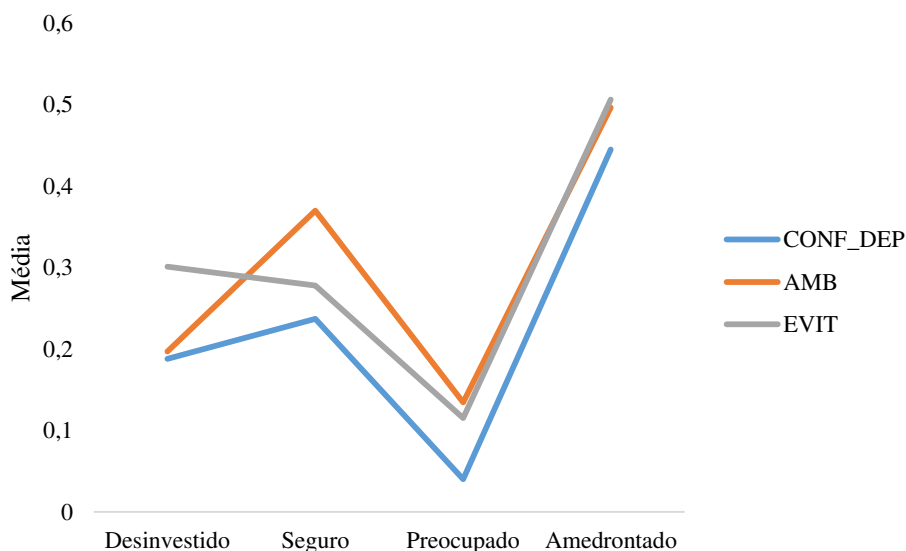
Caracterização da relação com o par amoroso na distribuição entre padrões de vinculação

	Padrões de vinculação ao par amoroso				F
	Cluster 1 Desinvestido (n = 47)	Cluster 2 Seguro (n = 54)	Cluster 3 Preocupado (n = 45)	Cluster 4 Amedrontado (n = 52)	
Dimensões	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	(3,194)
CONF	.19 ^a (.02)	.24 ^a (.02)	.04 ^b (.02)	.45 ^c (.02)	94.53
AMB	.20 ^a (.02)	.37 ^b (.01)	.13 ^c (.02)	.51 ^d (.01)	135.33
DEP	2.40 ^a (.11)	4.03 ^b (.10)	4.57 ^c (.11)	2.78 ^a (.10)	93.97
EVIT	.30 ^a (.02)	.28 ^a (.02)	.12 ^b (.02)	.50 ^c (.02)	78.29
Duração da relação	31.55 (3.94)	28.51 (.4)	22.22 (4.41)	20.53 (4.15)	F(3,143) 1.62

Nota. CONF = Confiança; AMB = Ambivalência; DEP = Dependência; EVIT = Evitamento; n = Número de sujeitos; M = Média; DP = Desvio padrão; F = F distribution, Fisher's F ratio; As diversas letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de $p \leq .05$.

Figura 4

Padrões de vinculação na relação ao par amoroso



Legenda. CONF = Confiança; AMB = Ambivalência; DEP = Dependência; EVIT = Evitamento

3.5 Teste da associação entre o desejo de ter filhos no futuro e os protótipos de vinculação na relação com os pais e com o par amoroso e variáveis demográficas

Os resultados do Qui-quadrado efetuados para testar se a percentagem/proporção de adultos emergentes que deseja (ou não) ter filhos varia em função da sua pertença a um dos protótipos de vinculação na relação com pai, com a mãe e com o par amoroso, bem como, com o género e a idade, indicaram a não existência dessas associações (Pai: $\chi^2(6. 23) = 6.68$; $p = .352$; Mãe: $\chi^2(6. 23) = 3.24$; $p = .778$; Par amoroso: $\chi^2(6. 19) = 15.47$; $p = .017$; Género: $\chi^2(2.23) = 1.28$; $p = .528$; Idade: $\chi^2(4. 23) = 1.54$; $p = .820$).

Contudo, na relação com o par amoroso a proporção daqueles que pretendem (ou não ter filhos) revela uma associação significativa, embora com violação do pressuposto da frequência esperada para as células, em que 4 delas têm valor inferior a 5. Procedeu-se à realização da análise tendo em conta o agrupamento dos protótipos em 'Seguros na relação amorosa' versus 'Inseguros na relação amorosa', contudo, mais uma vez, houve violação do princípio da frequência das células, embora os resultados fossem, desta feita, não significativos ($\chi^2(2.19) = 4.52$; $p = .105$).

4. Discussão dos resultados

Este estudo teve por finalidade compreender algumas associações entre a motivação positivas e negativas para a parentalidade e a qualidade da vinculação aos ao pai, à mãe e ao par amoroso dadas as lacunas existentes na literatura e a falta de informação reportada por estudos anteriores.

O *objetivo 1* tinha por finalidade analisar as associações entre as dimensões de motivação para a parentalidade e as dimensões relacionais (vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso). No que respeita às motivações positivas para a parentalidade, os resultados demonstraram que a dimensão *Aspetos Socioeconómicos* apresenta associações positivas com a ansiedade e o medo de separação às figuras parentais, bem como com a inibição que estas exercem à expressão do *self* (Gouveia & Matos, 2011). Estes resultados eram expectáveis - embora não tendo sido identificados até ao momento na literatura - tendo em conta que se encontram associados à realização das expectativas familiares, à afirmação da identidade e do estatuto social do sujeito e à concretização do papel sexual (Guedes et al., 2013). A grande importância dada à autenticação e autoafirmação social é justificada em adultos emergentes (Guedes et al., 2013), dado o adiamento de compromissos característicos à idade (Arnett, 2000; 2006ab; 2007) que legitima a existência de uma dependência emocional às figuras parentais e a perceção destas como intrusivas uma vez que ainda são elas que detêm a primazia do suporte financeiro do adulto emergente (Arnett, 2006b).

Ainda no que respeita à dimensão *Aspetos Socioeconómicos*, os resultados demonstraram associações positivas com a insegurança na relação amorosa, nomeadamente nas emoções sentidas pelo parceiro, no papel desempenhado na relação e nos comportamentos manifestados perante situações imprevistas (Matos et al., 2001). Também demonstraram associações positivas com o desejo de procura de proximidade ao companheiro e à ansiedade de separação e medo da sua perda. Bem como, com a perceção do parceiro enquanto sujeito secundário na satisfação das suas necessidades pessoais. Assim, quanto maior importância dada à realização das expectativas familiares, à afirmação da identidade e do estatuto social do sujeito e à concretização do papel sexual (Guedes et al., 2013) maior é a *Ambivalência*, a *Dependência* e o *Evitamento* ao par amoroso. Estes dados são novos na literatura. Sugere-se como explicação que, se os *Aspetos Socioeconómicos* estão sobrevalorizados, a dependência ou o evitamento funcionem como formas de *coping* extremas: ou se confia totalmente no outro como forma de colmatar o foco nesse aspeto, ou

pelo contrário se opta pelo evitamento do outro, pela noção de que se é capaz independentemente do outro de lidar emocionalmente com a importância dada a este fator.

No caso da dimensão *Realização Pessoal*, os resultados mostraram associações positivas com a *Ansiedade de Separação*. Desta forma, quanto maior a importância dada a recompensas internas da parentalidade, como são, o cumprimento do instinto biológico, a criação de uma relação privilegiada com a criança, a experiência da gravidez, a criação de uma família e o sentido de utilidade e importância alcançada com o nascimento de um filho (Guedes et al., 2013), maior a dependência psicológica às figuras parentais (Gouveia & Matos, 2011). Este é um dado novo na literatura, ou possivelmente não identificado até ao momento. É esperado que a internalização de uma imagem parental onde esteja presente a ansiedade de separação permita que o sujeito construa uma imagem de proteção e sobrevivência da espécie através da criação de laços seguros (Bowlby, 1969/1982; 1973). Assim, os resultados alcançados podem ser explicados, a partir do vínculo que os futuros pais querem repetir a partir da relação que têm com os seus próprios pais. Tal, pode ser justificado pelo facto de que o estabelecimento da identidade individual parental envolver a ativação das representações internas da relação com os progenitores, bem como das experiências precoces de prestação de cuidados (Slade, Cohen, Slader & Miller, 2009).

Ainda no que respeita à dimensão *Realização Pessoal* os resultados mostraram associações positivas à *Dependência* ao par amoroso e negativas com a *Confiança* e o *Evitamento*. No que se refere à *Confiança*, os resultados sugerem que com a diminuição da percepção do parceiro amoroso enquanto figura apoiante e protetora, que encoraja a exploração do mundo (Matos et al., 2001), maior é a percepção de recompensas internas associadas à parentalidade (Guedes et al., 2013). A associação positiva à *Dependência* implica a elevada percepção do sujeito relativamente ao desejo de procura de proximidade ao companheiro e da manifestação de ansiedade de separação e medo da perda (Matos, et al., 2001). Tal implica que associado à *Realização Pessoal*, enquanto fator de motivação para a parentalidade, se encontra o desejo de procura de proximidade. Este aspeto vai ao encontro das características socioeconómicas elencadas na literatura como determinantes da motivação para a parentalidade, como sejam a procura de parceiro afetivo, que leva a múltiplos relacionamentos considerados pelo sujeito como temporários e instáveis (Bouwens et al., 1996; Sobotka, 2004; Wu & Schimmele, 2005). De igual modo este aspeto é consistente com a etapa desenvolvimental da *adulter emergente* que caracteriza a faixa etária dos participantes deste estudo como sendo de individualização pessoal, mais centrada no próprio e menos em aspetos como a parentalidade (Arnett; 2000; 2006ab; 2007).

No que concerne à dimensão *Sentido de Continuidade Pessoal* os resultados demonstraram associações positivas com a *Ansiedade de Separação* ao pai e à mãe, a *Qualidade do Laço Emocional* ao pai e com a *Dependência ao par amoroso*. Desta forma, sugere-se que quanto maior a importância dada ao sentido de sentido de sucessão geracional e prolongamento do sujeito, ou seja, à continuidade da linhagem da família, dos valores familiares e pessoais (Guedes et al., 2013), maior a percepção de experiências de ansiedade e medo de separação ao pai e à mãe (Gouveia & Matos, 2011); maior a percepção do pai enquanto figura ímpar e elementar para o desenvolvimento, a quem se recorre em situações de ameaça e com quem se espera uma relação contínua no tempo (Gouveia & Matos, 2011); e maior a percepção de desejo de proximidade e de ansiedade de separação e medo de perda do companheiro amoroso (Matos et al., 2001). No que respeita ao fator *Fardo da Educação da Criança e Imaturidade para o Papel Parental*, os resultados sugerem que quanto maior a percepção de si enquanto incapaz de fazer face às responsabilidades da parentalidade (Guedes et al., 2013), maior a dependência psicológica às figuras parentais e a percepção de que estas inibem a expressão do *self* e a exploração do mundo (Gouveia & Matos, 2011), bem como maior a dependência psicológica ao par amoroso e a insegurança sentida na relação romântica (Matos et al., 2001). No que concerne à dimensão *Preocupações Sociais e Ecológicas*, os resultados sugerem que quanto maior a preocupação a respeito do futuro desconhecido do descendente, ou seja, sobre a exposição do futuro filho aos vários perigos do mundo sejam eles sociais ou ambientais (Guedes et al., 2013), maior a dependência emocional às figuras parentais (Gouveia & Matos, 2011); maior a percepção da mãe enquanto figura inibidora da individualidade (Gouveia & Matos, 2011); e, maior a dependência e a insegurança sentida nesta relação amorosa (Matos et al., 2001). No caso da dimensão *Tensão Conjugal*, os resultados sugerem que quanto maior a importância dada à possível deterioração da qualidade da relação amorosa após o nascimento do descendente, nomeadamente a diminuição da proximidade e da independência ou até o próprio rompimento amoroso (Guedes et al., 2013), maior a percepção das figuras parentais enquanto restritoras da individualidade própria (Gouveia & Matos, 2011); maior a dependência na relação amorosa e sentimento de insegurança na relação relativamente às emoções próprias e ao papel desempenhado e ainda aos comportamentos reproduzidos em situações de ameaça (Matos et al., 2001).

Estes resultados podem ser explicados pelos modelos internos dinâmicos, que consistem nas representações mentais do *self* e dos outros, construídos pelo indivíduo e constituídos por conhecimentos e expectativas referentes aos que lhe são significativos (e.g. pai, mãe, par amoroso) face à acessibilidade e responsividade destas figuras mas também ao

self nomeadamente face ao seu valor próprio e à capacidade que este tem para afetar os outros (Soares, 2009). Este modelos, desenvolvidos de formas complexas e sofisticadas ao longo do desenvolvimento do indivíduo, pela integração de novas experiências e informações são referências para a interpretação das experiências e orientação dos comportamentos de vinculação. Por este motivo, representam um papel extraordinariamente relevante no ajustamento individual e amoroso, refletindo-se naturalmente nas dimensões da motivação para a parentalidade, transição para a parentalidade e parentalidade, entre outros (Feeney, Alexander, Noller, & Hohaus, 2003; Möller, Hwang, & Wickberg, 2006).

No que respeita ao fator *Expressão da Qualidade da Relação Conjugal*, os resultados sugerem que quanto maior a motivação para a parentalidade que se encontra relacionada com o aumento da qualidade da relação entre o casal, nomeadamente o desenvolvimento e o fortalecimento da parceria (Guedes et al., 2013); maior a perceção de dependência emocional ao pai e ao parceiro amoroso; menor a perceção do parceiro amoroso enquanto apoiante, protetor e encorajador da exploração do mundo e menor a perceção que o sujeito tem de si enquanto pessoa capaz de superar obstáculos sem necessidade de assistência por parte do parceiro amoroso (Gouveia & Matos, 2011; Matos et al., 2001). Uma vez que a maior parte dos participantes no estudo são mulheres, hipotetizamos que a expressão da qualidade da relação conjugal surja intimamente relacionada com a perceção de dependência emocional ao pai e ao par amoroso. Tendencialmente mais afetuosas, é reconhecido na literatura o papel relevante que os pais têm na vida das filhas, bem como a importância que elas dão ao estabelecimento de relações amorosas estáveis (Schwarz, & Hassebrauck, 2012).

A respeito da dimensão *Sofrimento Físico e Preocupações com a Imagem Corporal*, os resultados sugerem que quanto maior a importância dada às consequências que a gravidez pode trazer para a progenitora, tais como o mal-estar físico, possíveis complicações no período gravítico e durante o parto e as modificações corpóreas que este processo acarreta (Guedes et al., 2013), maior a perceção dos pais enquanto figuras que restringem a expressão do *self* e a exploração do ambiente (Gouveia & Matos, 2011), bem como maior a dependência emocional e a insegurança sentida na relação amorosa (Matos et al., 2001). A maior preocupação com o sofrimento físico e com a imagem corporal tem sido apontada na literatura como relacionada com fatores como o escasso suporte social, particularmente o suporte dado pelo companheiro (Sjogren, 1997). Isto, aponta para a relevância da dimensão relacional neste aspeto da motivação para a parentalidade. Deve aqui ser salientado, que do total de participantes apenas 198 tinham na altura da avaliação um parceiro amoroso, facto que pode influenciar os resultados obtidos. No que concerne à relevância do papel dos pais

neste processo, novamente se salienta o papel dos modelos internos dinâmicos, nomeadamente no que respeita à interpretação das futuras experiências de interação com o meio ambiente (Soares, 2000).

Na dimensão *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos*, os resultados sugerem que quanto maior a importância dada a fatores económicos, nomeadamente ao medo de atravessar dificuldades financeiras após o nascimento do filho (Guedes et al., 2013); maior a perceção de comportamentos parentais inibidores do *self* (Gouveia & Matos, 2011), bem como a dependência emocional e a insegurança sentida na relação amorosa (Matos et al., 2001). A importância que fatores socioeconómicos têm na tomada de decisão reprodutiva dos jovens adultos fora já reportado na literatura inerente aos fatores de influência na motivação para a parentalidade (Adserá, 2004; Hofmann & Hohmeyer, 2012; Mulder & Billari, 2010; Rindfuss & Brauner-Otto, 2008; Sobotka et al., 2011). No que concerne à sua interação com dimensões da relação com os pais e com o parceiro amoroso, mais uma vez se verifica a importância das relações estabelecidas ao longo do ciclo vital evidenciando o papel dos modelos internos dinâmicos na interpretação das experiências futuras de interação com o mundo (Soares, 2000).

O *objetivo 2* tinha por finalidade analisar as dimensões relacionais (vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso) como preditores da motivação para a parentalidade. Da totalidade de preditores incluídos, os fatores *Ambivalência e Dependência* ao par amoroso e *Ansiedade de Separação* ao pai emergem com a maior capacidade preditiva, quer das motivações positivas, quer das motivações negativas para a parentalidade. O fator *Ansiedade de Separação* na relação com a mãe emerge igualmente com maior capacidade para predizer, desta feita, apenas, as motivações positivas para a parentalidade. Assim, a motivação para a parentalidade é predita por variáveis como: *Ansiedade de Separação* pai/ mãe; *Ambivalência* ao par amoroso; *Dependência* ao par amoroso.

Os dados encontrados são novos na literatura, mas expectáveis. Vejam-se então os dados relativos à relação com a mãe, que indicam que as variáveis de vinculação associadas a uma *Ansiedade de Separação* à mãe positiva parecem assumir especial relevância nas motivações positivas para a parentalidade. Tendo em consideração a teoria da vinculação que sugere que a mãe constitui a principal figura de prestação de cuidados com quem é estabelecida uma relação de vinculação de maior intensidade (Bowlby, 1969/1982; 1973; 1980; Ainsworth et al., 1978; Ainsworth & Bowlby, 1991), e tendo em conta também os resultados de estudos que assumem que esta figura ocupa o papel de prestador de cuidados

principal no contexto português (Abreu & Figueiredo, 2014), com maior interferência na sequência da construção de modelos internos dinâmicos relativos a outras figuras significativas (Rocha, 2008), este resultado parece-nos expectável. Indubitavelmente, a qualidade da relação estabelecida com a mãe, nomeadamente a dependência emocional positiva a esta figura, pode estar envolta numa exacerbada procura da aceitação e valorização (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991), fazendo todo o sentido que esta tivess um peso significativo nas motivações para a parentalidade que enquadram a realização das expectativas familiares, a afirmação da identidade, o estatuto social e o papel sexual, o cumprimento do instinto biológico, a criação de vínculos com a criança e o desejo de continuidade da linhagem da família (Guedes et al., 2013).

No que concerne à relação com o pai, os resultados indicam que a *Ansiedade de Separação* positiva parece assumir especial relevância nas motivações positivas e negativas para a parentalidade. O pai representa um objeto de identificação alternativo à mãe, protegendo o sujeito da relação de influência só feminina, podendo instituir-se num modelo de imitação e de identificação (Bayle, 2005). Assim, parece-nos justificável que a dependência emocional a esta figura tenha um peso significativo, tal como na mãe nas motivações positivas para a parentalidade, mas não só. Dado que pai e mãe diferem na interação com os filhos (Lamb, 1992), encontrando-se o pai mais relacionado com questões de suporte financeiro e apresentando uma maior carência de sentimentos de competência e autoconfiança no exercício do papel parental, parece-nos justificável que a dependência emocional a esta figura tenha um peso significativo também nas motivações negativas para a parentalidade, nas quais se incluem inquietações a respeito dos recursos pessoais para fazer face às responsabilidades da parentalidade e preocupações relacionadas com fatores económicos (Guedes et al., 2013). De salientar que os participantes em estudo são na sua maioria mulheres pelo que se justifica a relação com o pai tenha emergido como um preditor significativo da motivação para a parentalidade, sendo que a relevância do seu papel na vida das filhas é reconhecida na literatura (Schwarz, & Hassebrauck, 2012).

No que respeita ao contexto relacional amoroso, os resultados indicam que as variáveis de vinculação associadas a uma *Dependência e Ambivalência* positivas ao companheiro amoroso parecem assumir especial relevância nas motivações positivas e negativas para a parentalidade. Embora não tenham sido identificados dados na literatura que corroborem estes resultados parece-nos plausível que a positividade destes fatores, dado a presença de dependência emocional ao outro e insegurança na relação, nomeadamente no que respeita às

emoções pelo outro e ao papel do próprio na relação (Matos et al., 2001), levem a um maior pesar das questões da parentalidade futura, nas suas dimensões positivas e negativas.

O *objetivo 3* tinha por finalidade analisar o efeito da vinculação aos pais e ao par amoroso, das variáveis demográficas e do desejo de ter filhos no futuro ao nível da motivação para a parentalidade. Os resultados obtidos identificaram diferenças multivariadas do efeito da vinculação ao par amoroso nas motivações positivas e negativas para a parentalidade.

Ao nível das motivações positivas para a parentalidade, verificou-se que os indivíduos com protótipo *Desinvestido* apresentam menos predisposições para a parentalidade relacionadas com um conjunto de recompensas externas, tais como a realização das expectativas familiares, a afirmação da identidade e do estatuto social e a concretização do papel sexual (Guedes et al., 2013) comparativamente aos seguros e amedrontados. Verificou-se também que estes sujeitos têm menos predisposições para a parentalidade relacionadas com um conjunto de recompensas internas, como sejam o cumprimento do instinto biológico e a criação de vínculos com a criança (Guedes et al., 2013) do que os seguros. Têm ainda menos predisposição para perceber favoravelmente a parentalidade a partir da possibilidade de aumento da qualidade da relação entre o casal (Guedes et al., 2013) do que os preocupados. Estes dados são novos na literatura, embora expectáveis dadas as representações, ao nível dos modelos internos, características de cada um dos protótipos. Ora vejamos, os modelos mentais dos sujeitos com protótipo *Desinvestido*, pautados pela positividade de si e negatividade do outro, levam a uma desvalorização das relações pessoais (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Por isso, faz sentido que estes sujeitos não vejam a parentalidade como uma motivação extrínseca, nem como forma de desenvolvimento e aumento do fortalecimento da parceria, dado que estas características têm neles pouca importância pois veem os outros negativamente, não realizando estes fatores um papel motivador significativo para a parentalidade. A sua menor predisposição para perceber as recompensas intrínsecas da parentalidade pode hipoteticamente associar-se à imagem positiva que têm de si (Guedes et al., 2013).

No que respeita às motivações negativas para a parentalidade verificou-se que os sujeitos com protótipo *Desinvestido* têm menos o *Fardo da Educação da Criança e Imaturidade para o Papel Parental* e *Tensão Conjugal* do que os amedrontados. Verificou-se ainda que sujeitos com protótipo *Desinvestido* têm menos *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos* do que os seguros e do que os amedrontados e ainda, menos

Sufrimento Físico e Preocupações com a Imagem Corporal do que os seguros os preocupados e os amedrontados.

Estes dados são novos na literatura, ou pelo menos até ao momento não foram identificados. É sugerido que os sujeitos com protótipo *Desinvestido* apresentam menores inquietações a respeito dos seus recursos pessoais para fazer face às responsabilidades da parentalidade e relativamente à deterioração da qualidade da relação amorosa após o nascimento do descendente (Guedes et al., 2013), comparativamente com os amedrontados. Estes dados podem explicar-se pelo facto de os sujeitos com protótipo desinvestido apresentarem uma representação de si positiva e um modelo negativo dos outros, enquanto os amedrontados detêm representações negativas quer de si quer do outro (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Ou seja, é esperado que a credibilidade que os desinvestidos têm em si os levem a uma menor predisposição para percecionar a parentalidade nas questões relativas às incapacidades para o seu exercício. Do mesmo modo, é expectável que, dado a característica desvalorização do papel dos relacionamentos na vida dos sujeitos desinvestidos, estes tenham uma menor predisposição para percecionar a possibilidade da deterioração da qualidade da relação amorosa após o nascimento de um filho, uma vez que esta já não assume antes da parentalidade um papel preponderante na sua vida. Por outro lado, é também esperado que a falta de confiança e insegurança características dos sujeitos amedrontados, bem como a sua percepção de que os outros os definem como alguém ausente de qualidades, os levem a uma maior predisposição para percecionar a parentalidade negativamente quanto à possibilidade de diminuição da qualidade amorosa. O resultado encontrado relativamente a uma maior predisposição dos seguros quanto às consequências que a gravidez pode trazer para a progenitora (Guedes et al., 2013) pode ser explicado pela preservação da autoimagem positiva dos sujeitos seguros e pela desvalorização das relações por parte dos desinvestidos, não fazendo sentido que, por exemplo, se preocupem com a opinião do companheiro quanto a alterações negativas no corpo.

Foi também observado um efeito multivariado da vinculação ao pai ao nível das dimensões das motivações negativas para a parentalidade. Verificou-se que os sujeitos com protótipo *Desinvestido* têm menos *Preocupações Sociais e Ecológicas* do que os *Preocupados* e os *Amedrontados*. Verificou-se também que os indivíduos com protótipo *Seguro* têm menos *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos* do que os *Amedrontados*. Estes dados são novos na literatura, ou pelo menos até ao momento não foram identificados. A menor predisposição para preocupações relativamente ao futuro

desconhecido de um futuro filho, ou seja, no que respeita à sua exposição aos vários perigos do mundo (Guedes et al., 2013) nos sujeitos com protótipo *Desinvestido* em comparação com os indivíduos com protótipo *Amedrontado* pode ser explicada pela presença de representações, ao nível dos modelos internos dinâmicos, positivas de si, nos primeiros, e negativas de si e dos outros, nos segundos. Ou seja, um sujeito desinvestido na relação com o pai tem menos predisposição para preocupações relativas à vivência do futuro filho no mundo pois, hipoteticamente, poderá sentir-se mais capaz para o proteger dada a sua característica de autoconfiança. Na relação com o pai, os seguros têm menos preocupações com problemas financeiros futuros dado que, para além de terem uma imagem positiva de si, ou seja, capaz, poderá considerar que não passaria por percursos financeiros desfavoráveis. Mas também dado a imagem positiva que têm do pai, podem perceber que mesmo que, um dia, passem por problemas financeiros, a figura paternal estará disponível para apoiar.

Os resultados demonstram ainda diferenças multivariadas da idade ao nível das dimensões das motivações negativas para a parentalidade. Verificou-se que os indivíduos entre os 18 e os 19 anos têm menos preocupações com os *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos* da parentalidade do que os sujeitos com idades compreendidas entre os 23 e os 25 anos. Estes dados são novos na literatura, ou pelo menos até ao momento não foram identificados. Nesta medida, supõe-se que as diferenças encontradas se possam dever às características da própria etapa desenvolvimental. É provável que os sujeitos entre os 18 e os 19 anos estejam a iniciar um percurso educativo de nível superior (Arnett, 2000), enquanto os jovens entre os 23 e os 25 anos estejam já terminar esse percurso e a dar entrada no mercado de trabalho. Neste quadro, a literatura tem evidenciado as dificuldades sentidas pelos jovens para obter habitação, devido ao seu elevado custo (Mulder & Billari, 2010; Rindfuss & Brauner-Otto, 2008), bem como identificado as grandes dificuldades de entrada no mercado de trabalho e na obtenção de um emprego estável (Adserá, 2004; Hofmann & Hohmeyer, 2012, Sobotka et al., 2011) sendo por isso mais provável que os sujeitos de idade mais avançada apresentem uma maior perceção das dificuldades financeiras que poderão passar durante a parentalidade e, por isso, uma maior predisposição para percecionar a parentalidade dentro desse termos.

Por fim, os resultados demonstraram um efeito multivariado do desejo de ter filhos no futuro ao nível das dimensões das motivações positivas e negativas para a parentalidade. Verificou-se que os indivíduos que não querem ter filhos percebem maior *Fardo da Educação da Criança e Imaturidade para o Papel Parental* e maiores *Problemas Financeiros e Constrangimentos Económicos* na parentalidade do que os que querem ter

filhos. Sugere-se que os sujeitos que não desejam ter filhos apresentam mais preocupações a respeito dos seus recursos pessoais para fazer face às responsabilidades da parentalidade (Guedes et al., 2013). Estes resultados vão ao encontro dos estudos reportados na literatura, pelo que Rholes et al. (1995; 1997) sugerem que a antecipação negativa de si enquanto pai ou mãe afeta o desejo de ter filhos no futuro nos jovens adultos. Sugere-se ainda que os sujeitos que não desejam ter filhos apresentam maiores preocupações relacionadas a possibilidade de atravessar dificuldades financeiras durante a parentalidade (Guedes et al., 2013). Estes dados vão ao encontro das investigações empíricas realizadas ao nível das questões do adiamento da parentalidade e diminuição da natalidade que indicam que fatores económicos têm influenciado a tomada de decisões a longo prazo, como é a de se tornar pai ou mãe (e.g. Mulder & Billari, 2010; Sobotka et al., 2011). Naturalmente que os sujeitos que não querem ter filhos, apresentam também menos predisposições positivas para olhar favoravelmente para a parentalidade. Verificou-se que os indivíduos que não querem ter filhos têm menos *Realização Pessoal* do que aqueles que estão indecisos e do que aqueles que querem ter. O que faz sentido tendo em conta que esta dimensão se encontra associada ao instinto biológico e à criação de vínculos com a criança (Guedes et al., 2013). Verificou-se também que os sujeitos que não querem ter filhos têm menos *Sentido de Continuidade Pessoal e Expressão da Qualidade da Relação Conjugal* do que os que querem ter filhos. O que era expectável, dado que esta dimensão compreende as motivações relacionadas com o sentido de sucessão geracional e prolongamento do sujeito, ou seja, abrange os desejos de continuidade da linhagem da família, tais como os seus valores familiares e pessoais (Guedes et al., 2013).

Foi também observado um efeito multivariado do género nas motivações positivas para a parentalidade. Verificou-se que as mulheres têm mais predisposição para olhar positivamente para a parentalidade do que os homens. O que faz sentido tendo em conta os elementos que constituem as motivações positivas para a parentalidade.

O *objetivo 4* tinha por finalidade classificar os participantes no estudo de acordo com a abordagem prototípica da vinculação (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) a partir das dimensões de vinculação aos pais e ao par amoroso. Os valores obtidos nas várias dimensões da vinculação avaliadas foram, estatisticamente, diferenciados entre si, evidenciando os protótipos de vinculação *Seguro*, *Amedrontado*, *Desinvestido* e *Preocupado* (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

Em relação à vinculação às figuras parentais (versão pai e mãe), os jovens adultos agrupados no *cluster Preocupado* obtiveram as médias mais altas, comparativamente às dos

restantes, nos fatores *Qualidade do Laço Emocional* e *Ansiedade de Separação*, evidenciando uma confiança nas figuras parentais, mas simultaneamente uma grande dependência psicológica às mesmas. Os resultados encontram-se em conformidade com os alcançados em estudos prévios (e.g. Cordeiro, 2012; Rocha, 2008; Silva & Costa, 2005) e em linha com o esperado teoricamente para um protótipo de vinculação *Preocupado* (Gouveia & Matos, 2011). Desta forma, os sujeitos incluídos no *cluster Preocupado* combinam modelos internos negativos de si e positivos dos outros que levam a uma procura exacerbada de proximidade e de atenção e aceitação do outro (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

Os sujeitos agrupados no *cluster Amedrontado* obtiveram as médias mais altas no fator *Inibição da Exploração e Individualidade*. Estes sujeitos alcançaram ainda valores de *Ansiedade de Separação* mais altos do que os incluídos nos *clusters Seguro* e *Desinvestido*. Estes valores são reveladores de uma reduzida autonomia e certa dependência emocional às figuras parentais (Gouveia & Matos, 2011). Os resultados obtidos encontram-se em conformidade com estudos precedentes (e.g. Silva & Costa, 2005) e em linha com o que seria esperado para um protótipo de vinculação *Amedrontado* (Gouveia & Matos, 2011), traduzindo as descrições teóricas de insegurança, vulnerabilidade e medo da rejeição, particulares a um funcionamento que expressa modelos negativos de si e dos outros (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

Os valores mais baixos de *Inibição da Exploração e Individualidade* foram obtidos pelos indivíduos agrupados no *cluster Seguro*, tal como era, teoricamente, esperado para este protótipo (Gouveia & Matos, 2011) e verificado empiricamente em estudos anteriores (e.g. Mota & Matos, 2009; Silva & Costa, 2005). Os valores de *Qualidade do Laço Emocional* (médios superiores) e *Ansiedade de Separação* (médios inferiores) encontram-se também eles dentro dos parâmetros aguardados para um protótipo *Seguro* (Gouveia & Matos, 2011; Mota & Matos, 2009; Silva & Costa, 2005). Estes valores são reveladores de uma alta individualização e exploração do ambiente (Gouveia & Matos, 2011). Tal, afigura as descrições teóricas de elevada autonomia e capacidade para desenvolver relações de intimidade, típicas de um funcionamento positivo acerca de si e dos outros ao nível dos modelos internos (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

A menor média nos fatores *Qualidade do Laço Emocional* e *Ansiedade de Separação*, foi obtida nos indivíduos agrupados no *cluster Desinvestido*. O fator *Inibição da Exploração e Individualidade* apresentou o valor médio mais elevado deste *cluster*. Estes valores estão em linha com o esperado teoricamente para o protótipo *Desinvestido* (Gouveia & Matos, 2011) e encontram-se em conformidade com estudos prévios (e.g. Mota & Matos, 2009).

Deste modo, os indivíduos agrupados neste *cluster* parecem definir sujeitos que combinam representações positivas acerca de si e negativas acerca do outro (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

A construção dos protótipos de vinculação na relação com o pai e com a mãe apresenta uma proporção semelhante àquela que tem vindo a ser verificada em amostras portuguesas (e.g. Matos, 2002; Mota & Matos, 2009; Rocha, 2008). Existe um peso substancial de preocupados e o grupo desinvestido é o mais pequeno. Todavia, a quantidade de seguros não foi, tal como nos estudos precedentes, a mais elevada da amostra. Uma das explicações possíveis para o número superior de preocupados, reside justamente no facto de haver um adiamento do trabalho, das questões de autonomia em jovens emergentes (Arnett, 2000; 2006ab; 2007), sendo talvez mais adaptativa uma situação de hiperativação da vinculação, pois há necessidade de permanência na casa paterna e materna até mais tarde.

Em relação à vinculação ao par amoroso, os jovens adultos agrupados no *cluster Amedrontado* obtiveram as médias mais altas, comparativamente às dos restantes, nos fatores *Confiança*, *Ambivalência* e *Evitamento*. Os níveis altos no fator *Ambivalência* e *Evitamento* encontram-se em linha com os valores encontrados em estudos precedentes (e.g. Cordeiro, 2012; Rocha, 2008). Estes valores traduzem as descrições teóricas de desejo de proximidade com o outro e, simultaneamente, de comportamentos de evitamento dessa proximidade - que caracterizam o protótipo *Amedrontado* (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). A média obtida no fator *Confiança* é inesperada, dado que estes sujeitos detêm representações negativas quer dos outros, quer de si. Este resultado poderá dever-se à duração da relação nestes sujeitos, que é a menor de todas, permitindo, de algum modo, que o nível de confiança esteja sobrevalorizado porque não houve tempo de 'analisar' a relação e há o desejo ambivalente de confiar no outro.

Os sujeitos agrupados no *cluster Preocupado* obtiveram os valores mais baixos nos fatores *Confiança*, *Ambivalência* e *Evitamento* e as médias mais altas na *Dependência*. Os valores encontrados nos fatores *Ambivalência*, *Evitamento*, *Dependência* estão em linha com as descrições obtidas em estudos prévios (e.g. Cordeiro, 2012; Matos et al., 2001; Rocha, 2008). A média obtida na *Confiança* é mais uma vez inesperada, dado que normalmente os sujeitos preocupados são uma tipologia que confia, embora de modo não realista, no outro (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). O outro tem no preocupado uma imagem muito positiva, o que não acontece aqui. Contudo, tendo em conta que a relação dos sujeitos incluídos neste *cluster* está quase a atingir os dois anos de duração, é possível que exista já uma relação consolidada que permita a confiança 'fidelizada' na mesma.

Os jovens adultos agrupados no *cluster Desinvestido* obtiveram as médias mais baixas, na dimensão *Dependência* comparativamente aos restantes grupos. Os valores baixos encontrados na *Confiança*, onde diferem significativamente dos preocupados e dos amedrontados (ver justificação acima), bem como, os valores de grau médio na *Ambivalência* e de grau medio-alto no *Evitamento* traduzem a configuração esperada de desvalorização das relações pessoais e de baixo envolvimento e procura de proximidade que caracterizam sujeitos com modelos positivos do self e negativos proximidade (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Este *cluster* foi aquele que melhor reproduziu as configurações esperadas. Mais uma vez reportamos para a duração da relação amorosa, que nestes sujeitos é superior a dois anos, o que indica que a relação se institui efetivamente numa vinculação onde se encontram instalados todos os componentes: *Procura de Proximidade; Porto Seguro; Base Segura; Protesto de Separação* (Hazan & Zeifman, 1994, 1999).

Os jovens adultos agrupados no *cluster Seguro* não obtiveram nenhuma das médias mais altas/baixas entre todos os outros grupos. O valor obtido no fator *Confiança* é mais uma vez inesperado, bem como, a média obtida na dimensão *Dependência*, dado que estes sujeitos detêm representações positivas quer de si, quer dos outros. Este resultado poderá dever-se às questões inerentes aos percursos de vida experimentados por adultos emergentes, que adiam a saída da casa dos pais (Arnett, 2000; 2006ab; 2007), fazendo com que o sujeito não consiga percecionar o parceiro amoroso como figura singular no apoio às necessidades e na proteção, bem como experienciar um maior desejo de proximidade ao companheiro, ansiedade de separação e medo da sua perda (Matos et al., 2001). Esta justificativa parece provável tendo em conta que toda a amostra vive maioritariamente com os pais.

A construção dos protótipos de vinculação na relação com o par amoroso apresenta uma proporção idêntica àquela que já foi apurada em amostras portuguesas (e.g. Matos & Costa, 2006), existindo um peso substancial de seguros na relação amorosa, seguida da quantidade de amedrontados, preocupados e, por fim, de desinvestidos.

O *objetivo 5* tinha por finalidade testar a associação entre o desejo de ter filhos no futuro e os protótipos de vinculação na relação com os pais e com o par amoroso e variáveis demográficas. Os resultados não verificaram a associação entre o desejo de ter filhos e a pertença a um dos protótipos de vinculação na relação com o pai, mãe e par amoroso, nem com o género e a idade. Desta forma, conclui-se que, para este grupo de participantes, o desejo de ter filhos acontece independentemente dos protótipos de vinculação aos pais, ao par amoroso, género e idade. Este é um dado novo na literatura, ou pelo, menos até ao momento

ainda não identificado. Sugere-se que estudos futuros avaliem estes constructos de forma a caracterizar a população relativamente ao desejo de ter filhos no futuro. Não obstante era pertinente incluir estas variáveis em estudos futuros com vista a caracterizar a população ou grupos específicos dentro da população relativamente às motivações para a parentalidade.

IV. CONCLUSÃO

Este estudo de natureza transversal, do tipo *Ex Post Facto*, descritiva, correlacional e causal-comparativa, teve como objetivo compreender quais as associações entre as representações de vinculação aos pais e ao par amoroso e as representações das motivações para a parentalidade em jovens adultos.

Adequando-se aos modelos teóricos existentes, mas trazendo também um importante acréscimo à literatura, este estudo identificou as propriedades psicométricas (fidelidade e validade) dos instrumentos face ao grupo avaliado; identificou associações positivas entre as dimensões da motivação para a parentalidade e as dimensões da vinculação; o papel preditivo das dimensões relacionais na motivação para a parentalidade; o efeito das relações de vinculação e variáveis demográficas na motivação para a parentalidade; e ainda a ausência de associação entre o desejo de ter filhos no futuro com os protótipos de vinculação na relação com o pai, mãe e par amoroso, bem como, com o sexo e a idade.

Verificou-se um maior número de associações entre a *Ansiedade de Separação* na relação com o pai e as dimensões das motivações positivas para a parentalidade; entre a *Inibição da Exploração e Individualidade* na relação com a mãe e as motivações negativas para a parentalidade; entre a *Dependência* na relação com o par amoroso e as dimensões das motivações positivas para a parentalidade; e entre a *Ambivalência* na relação com o par amoroso e as motivações negativas para a parentalidade. Contudo não pareceram existir variações na decisão de vir a ter um filho tendo em conta a idade, sexo e protótipos de vinculação.

Da totalidade de preditores da motivação para a parentalidade incluídos a *Ansiedade de Separação* ao pai, a *Dependência* e *Ambivalência* ao par amoroso e a *Ansiedade de Separação* à mãe emergiram com maior capacidade preditiva para as motivações positivas para a parentalidade. A *Ansiedade de Separação* ao pai e a *Ambivalência* e *Dependência* na relação com o par amoroso apresentaram maior capacidade para predizer as motivações negativas para a parentalidade.

Verificaram-se efeitos multivariados, da vinculação ao par amoroso, do género e do desejo de ter filhos no futuro, ao nível das dimensões das motivações positivas para a parentalidade. Foram ainda apurados efeitos multivariados da vinculação ao pai, da vinculação ao par amoroso, da idade e no desejo de ter filhos no futuro ao nível das motivações negativas para a parentalidade.

Os padrões de resultados que definiram os *clusters* encontraram-se em conformidade com o modelo prototípico da vinculação (Bartholomew, 1991; Bartholomew & Horowitz, 1991), com exceção da confiança na relação amorosa.

Além de considerar as questões da motivação para a parentalidade em jovens emergentes portugueses (parcamente investigadas), que de extrema relevância dado as alterações prevalentes na taxa de natalidade e na idade da mulher à data no nascimento do primeiro filho (PORDATA, 2014), com repercussões na saúde reprodutiva (Schmidt, Sobotka, Bentzen, & Andersen, 2012), na sustentabilidade social e económica do país (De Vaus, 2004), e ainda na inadaptação à parentalidade (Rholes et al., 1997) e a trajetórias de infertilidade (Cassidy & Sintrivani, 2008), este estudo incluiu variáveis relacionais, de vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso, ainda pouco exploradas na sua interdependência à motivação para a parentalidade. Da realização deste trabalho depreende-se que as experiências relacionais estabelecidas com o pai, com a mãe e com o par amoroso têm impacto diferenciado na forma do adulto emergente perceber favorável ou desfavoravelmente a parentalidade futura.

Uma das mais-valias consideradas neste estudo é o número de participantes, que grande, garante à partida maior generalização aos resultados (Schutt, 1999). Outra é o facto de estes terem idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, permitindo a avaliação da motivação para a parentalidade em jovens emergentes que até agora não tinha sido feito. Outra das mais-valias consideradas é o facto de os participantes serem homens e mulheres, garantindo à partida uma melhor representatividade. Reputamos ainda o facto da utilização de um instrumento que avalia a motivação para a parentalidade, dado que este apenas tinha sido usado em estudos de validade até ao momento. A identificação das propriedades psicométricas (fidelidade e validade) dos instrumentos adequadas face ao grupo avaliado constitui também uma supremacia (Urbina, 2007) deste estudo. Outra das mais-valias consideradas são ainda os próprios resultados que mostram a relação entre as dimensões relacionais e a motivação para a parentalidade pouco explorados que permitem uma melhor compreensão das questões relacionais que estão inerentes à decisão reprodutiva dos adultos emergentes portugueses.

Não obstante as mais-valias e contributo dado para a literatura, este estudo apresenta também algumas limitações. O estudo incluiu medidas de autorrelato que podem ser consideradas como subjetivas e sujeitas a viés devido às questões da motivação do sujeito e níveis de autoconhecimento (Urbina, 2007). Ademais, a recolha dos participantes foi feita apenas *online* dado que o investigador não tem garantia de que as instruções tenham sido

compreendidas e seguidas pelos participantes. Sublinhamos ainda o facto de a recolha dos participantes ter sido feita aleatoriamente (amostragem de conveniência), pelo que os resultados não podem ser generalizáveis à população em geral (Schutt, 1999). Apelamos que estudos futuros tentem ultrapassar estas limitações metodológicas. Propõe-se a avaliação da vinculação através de dinâmicas de interação para além dos questionários de auto relato, bem como a avaliação da motivação para a parentalidade através de entrevista (para efeito de validade de critério). Sugere-se o recurso a uma amostra representativa da população geral com número de homens e mulheres semelhantes, assim como a análise essencialmente a partir dos protótipos de vinculação de Bartholomew (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) na avaliação da motivação para a parentalidade, nomeadamente o seu peso nas motivações positivas e negativas. Ao mesmo tempo seria também importante analisar de que forma estes protótipos se constroem e distribuem em adultos emergentes, nomeadamente no que respeita ao par amoroso dado que ainda pouco investigados e onde parecem emergir dados pouco expectáveis. Seria também interessante uma abordagem com uma amostra em termos etários mais alargada, que poderia ir até aos 29 anos dadas as questões da idade da mulher à data do nascimento do primeiro filho.

V. REFERÊNCIAS

- Adserá, A. (2004). Changing fertility rates in developed countries. The impact of labor market institutions. *Journal of Population Economics*, *17*, 17-43. doi: 10.1007/s00148-003-0166-x
- Ainsworth, M. D. S. (1982). Attachment: Retrospect and prospect. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp. 3-30). New York, NY: Basic Books.
- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachment beyond infancy. *American Psychologist*, *44*, 709-716. doi: 10.1037//0003-066X.44.4.709
- Ainsworth, M. D. S. (1991). Attachment and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 33-51). New York, NY: Routledge.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Watters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Ainsworth, M., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, *46*(4), 333-341.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, *55*, 469-480. doi: 10.1037//0003-066X.55.5.469
- Arnett, J. J. (2006a). Emerging adulthood: Understanding the new way of coming of age. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 3-19). Washington, DC: American Psychological Association.
- Arnett, J. J. (2006b). Emerging adulthood in Europe: A response to Bynner. *Journal of Youth Studies*, *9*(1), 111-123.

- Arnett, J. J. (2007). Emerging adulthood: What is it, and what is it good for? *Child Development Perspectives*, 1(2), 68-73.
- Bach, R. (1983). *Fernão capelo gaivota* (7ª edição). Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Bayle, F. (2005). A parentalidade. In I., Leal (Eds.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp. 317-346). Lisboa: Fim de Século.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178. doi: 10.1177/0265407590072001
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244. doi:10.1037//0022-3514.61.2.226
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96. doi: 10.2307/1129836
- Bowlby, J. M. (1969/1982). *Attachment and loss. Vol. 1. Attachment* (2nd ed.). New York, NY: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Vol. 2. Separation, anxiety and anger*. New York, NY: Basic Books.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss. Vol. 3. Loss, sadness and depression*. New York, NY: Basic Books.
- Bouwens, A., Beets G., & Schippers, J. (1996). Societal causes and effects of delayed parenthood: preliminary evidence from the Netherlands. Report written on behalf of the Commission of European Union.
- Brito, I. (2005). Para uma nova clínica de pais e bebés. In I. Leal (Eds.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp. 409-446). Lisboa: Fim de Século.

- Canavarro, C. M., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: uma revisão crítica a propósito da aplicação da *Adult Attachment Scale-R (AAS-R)* na população portuguesa. *Psicologia*, 20(1), 155-186.
- Cassidy, T., & Sintrovani, P. (2008). Motives for parenthood, psychosocial factors and health in women undergoing IVF. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 26, 4-17. doi:10.1080/02646830701691392.
- Cowan, P. A. (1991). Individual and family life transitions: A proposal for a new definition. In P. A. Cowan & M. Hetherington (Eds.), *Family transitions* (pp. 3-30). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cowan, C. P., Cowan, P. A., Heming, G., & Miller, N. B. (1991). Becoming a family: Marriage, parenting and child development. In P. A. Cowan & M. Hetherington (Eds.), *Family transitions* (pp. 79-110). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- De Vaus, D. (2004). *Diversity and change in Australian families: Statistical profiles*. Melbourne: Australian Institute of Family Studies. Retrieved from <https://aifs.gov.au/publications/diversity-and-change-australian-families>
- Eriksson, C., Larsson, M., Svanberg, A. S., & Tydén, T. (2013). Reflections on fertility and postponed parenthood - interviews with highly educated women and men without children in Sweden. *Uppsala Journal of Medical Sciences*, 118, 122-129. doi: 10.1093/qje/121.1.289
- Fawcett, J. T. (1983). Perceptions of the value of children: Satisfactions and costs. In A. Bulatao & R. D. Lee (Eds.), *Determinants of fertility in developing countries* (vol. 1, pp. 429-457). New York, NY: Academic Press.
- Faria C., Fonseca M., Lima V. S., Soares I., & Klein J. (2009). Vinculação na idade adulta. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (2ª edição) (pp.123-158). Braga: Psiquilibrios edições.

- Feeney, J., Alexander, R., Noller, P., & Hohaus, L. (2003). Attachment insecurity, depression, and the transition to parenthood. *Personal Relationships*, *10*, 475–493. doi:10.1046/j.1475-6811.2003.00061.x
- Ferreira, B., Monteiro, L., Fernandes, C., Cardoso, J., Veríssimo, M., & Santos, A. (2014). Percepção de Competência Parental: Exploração de domínio geral de competência e domínios específicos de auto-eficácia, numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica*, *2*, 145-156. doi: 10.14417/ap.854
- Field, A. (2009). *Descobrimo a estatística usando o SPSS* (2ª edição). Porto Alegre: Artmed.
- Figueiredo, B. (2013). *Mães e pais: Envolvimento emocional com o bebé*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- George, C., & Solomon, J. (1996). Representational models of relationships: Links between caregiving and attachment. *Infant Mental Health Journal*, *17*, 18-36. doi:10.1002/(SICI)1097-0355(199623)17
- Gosling, S. D., Vazire, S., Srivastava, S. & John, O. P. (2004). Should we trust web-based studies? A comparative analysis of six preconceptions about internet questionnaires. *American Psychologist*, *59*, 93-104. doi: 10.1037/0003-066X.59.2.93
- Gouveia, T., & Matos, P.M. (2011). *Manual do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)*. Acedido em <https://sites.google.com/site/manualqvpm>
- Guedes, M., Carvalho, P., Pires, R., & Canavarro, M. C. (2011). Uma abordagem qualitativa às motivações positivas e negativas para a parentalidade. *Análise Psicológica*, *4*(XXIX), 535–551.
- Griffin, D. W., & Bartholomew, K. (1994a). Models of the self and other: Fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and social Psychology*, *67*, 430-445. doi: 10.1037/0022-3514.67.3.430

- Griffin, D. W., & Bartholomew, K. (1994b). The metaphysics of measurement: The case of adult attachment. In K. Bartholomew & D. Pearlman (Eds.), *Advances in personal relationships, Vol. 5. Attachment processes in adulthood* (pp.17-52). London: Jessica Kingsley Publishers.
- Guedes, M., Carvalho, P., Pires, R., & Canavarro, M. C. (2011). Uma abordagem qualitativa às motivações positivas e negativas para a parentalidade. *Análise Psicológica*, 4(XXIX), 535–551.
- Guedes, M., Pereira, M., Pires, R., Carvalho, P., & Canavarro, M. C. (2013). Childbearing motivations scale: Construction of a new measure and its preliminary psychometric properties. doi: 10.1007/s10826-013-9824-0
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 1-22.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships* (pp.17-52). London: Jessica Kingsley.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachments: Evaluating the evidence. In Jude Cassidy & Phillip R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 336-354). New York, NY: The Guilford Press.
- Hoffman, L. W., & Hoffman, M. L. (1973). The value of children to parents. In J. T. Fawcett (Eds.), *Psychological perspectives on population* (pp. 19-76). New York, NY: Basic Books.
- Hofmann, K. & Hohmeyer, K. (2012). Perceived economic uncertainty and fertility. *Journal of Marriage and Family*, 75 (2), 503–521.

- Holden, G. W. (2010). *Parenting: a dynamic perspective*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Inborn, M. C., & Van Balen, F. (2002). Interpreting infertility: A view from social sciences. In M. C. Inborn & F. Van Balen (Eds.), *Infertility around the globe: New thinking on childlessness, gender and reproductive technologies* (pp. 3-32). Los Angeles: California University Press.
- Kalb, C. (2001). Should you have your baby now? *Newsweek*, 138 (7), 40-49.
- Langdridge, D., Sheeran, P., & Connolly, K. (2005). Understanding the reasons for parenthood. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 23(2), 121-133.
- Leridon, H. (2006). Demographic effects of the introduction of steroid contraception in developed countries. *Human Reproduction Update*, 12, 603-616. doi: 10.1093/humupd/dml025
- Lebovici, S. (2004). Diálogo Letícia Solis-Ponton e Serge Lebovici. In M. C. P. Silva, & L. Solis-Ponton (Orgs.), *Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio* (pp. 21-27). São Paulo: Casa do Psicólogo
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações* (2ª edição). Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). Questionário de vinculação ao pai e à mãe. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Matos, P., Barbosa, S., & Costa, M. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação. *Revista Oficial de la Asociación Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 11(1), 93-109.

- Matos, P. M., Cabral, J., & Costa, M. E. (2008). Questionário de vinculação amorosa - versão breve. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: construção de um instrumento e estudos de validação. *Revista Oficial de la Asociación Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 11(1), 93-109.
- Miller, W. B. (1994). Childbearing motivations, desires, and intentions: a theoretical framework. *Genetic, Social, And General Psychology Monographs*, 120(2), 223-258.
- Miller, W. B. (1995). Childbearing motivation and its measurement. *Journal of Biosocial Science*, 27, 473-485. doi: 10.1017/S0021932000023087
- Miller, W. B., & Pasta, D. J. (2002). The Motivational Substrate of Unintended and Unwanted Pregnancy. *Journal of Applied Biobehavioral Research*, 7(1), 1-29.
- Miller, W. B., Millstein, S. G., & Pasta, D. J. (2008). Measurement of childbearing motivation in couples considering the use of assisted reproductive technology. *Social Biology*, 54(1), 8-32.
- Möller, K., Hwang, P. C., & Wickberg, B. (2006). Romantic attachment, parenthood and marital satisfaction. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 24(3), 233–240. doi:10.1080/02646830600821272
- Mota, C. P., & Rocha, M. (2015). Família(s) e vinculação. In O. M. Fernandes & C. Maia (Ed.). *A família portuguesa do século XXI* (pp.149-156). Lisboa: Parsifal edições.
- Mulder, C. & F. Billari (2010). Home-ownership Regimes and Low Fertility. *Housing Studies*, 25(4), 527-541.
- OECD (2011). *Doing better families*. Paris: OECD.

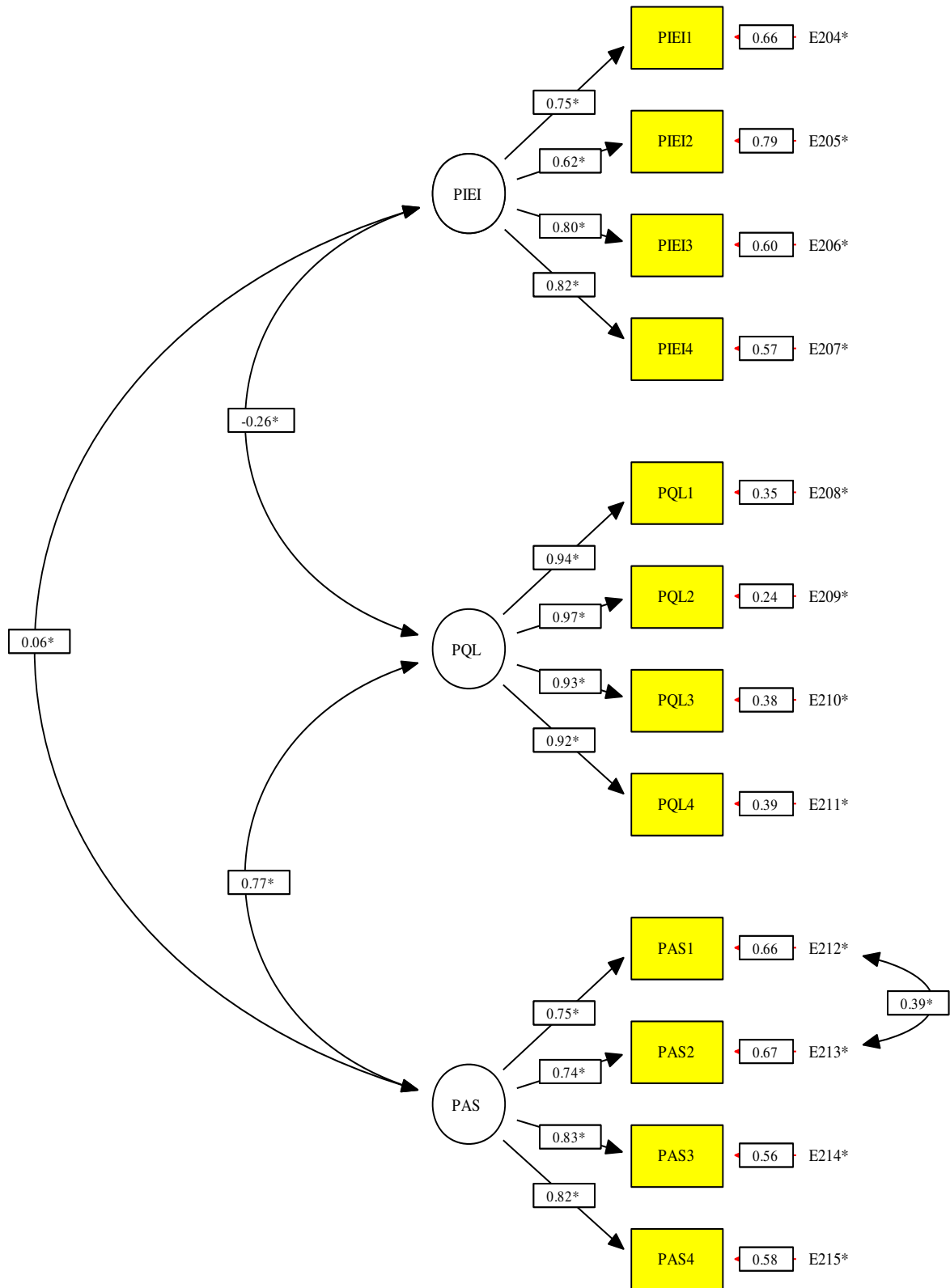
- PORDATA (2015). *Taxa bruta de natalidade em Portugal: Estatísticas, gráficos e indicadores de Municípios, Portugal e Europa*. Retrieved January 6, 2015, from <https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+bruta+de+natalidade-527>
- Pais- Ribeiro, J. L. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa, PT: Climepsi.
- Reader, P., Duncan, S., & Lucey, C. (2005). *Studies in the assessment of parenting*. Florence: Routledge.
- Rindfuss, R. R., & Brauner-Otto, S. (2008). Institutions and the transition to adulthood: implications for fertility tempo in low-fertility settings. *Vienna Yearb Popul Res. 2008*, 57-87. doi: 10.1553/populationyearbook2008s57
- Rholes, W.S., Simpson, J. A., Blakely, B.S., Lanigan, L. & Allen, E.A. (1997). Adult attachment style, the desire to have children, and working models of parenthood. *Journal of Personality*, 65, 357-385. doi: 10.1111/j.1467-6494.1997.tb00958.x
- Rholes, W.S., Simpson, J. A., & Blakely, B.S. (1995). Adult attachment styles and mothers's relationships with their young children. *Personal Relationships*, 2, 35-54. doi: 10.1111/j.1475-6811.1995.tb00076.x
- Rocha, M. (2008). *O desenvolvimento das relações de vinculação na adolescência: associações entre contextos relacionais com pais, pares e par amoroso* (Dissertação de grau Doutoramento) Manuscrito não publicado. Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto, Portugal.
- Schmidt, L., Sobotka, T., Benzten, J. G., & Andersen, A. N. (2012). Demographic and medical consequences of the postponement of parenthood. *Human Reproduction Update*, 18, 29-43. doi:10. 1093/humupd/dmr040.
- Schutt, R. K. (1999). *The reflective practitioner: how professionals think in action*. Cambridge: Basic Books.

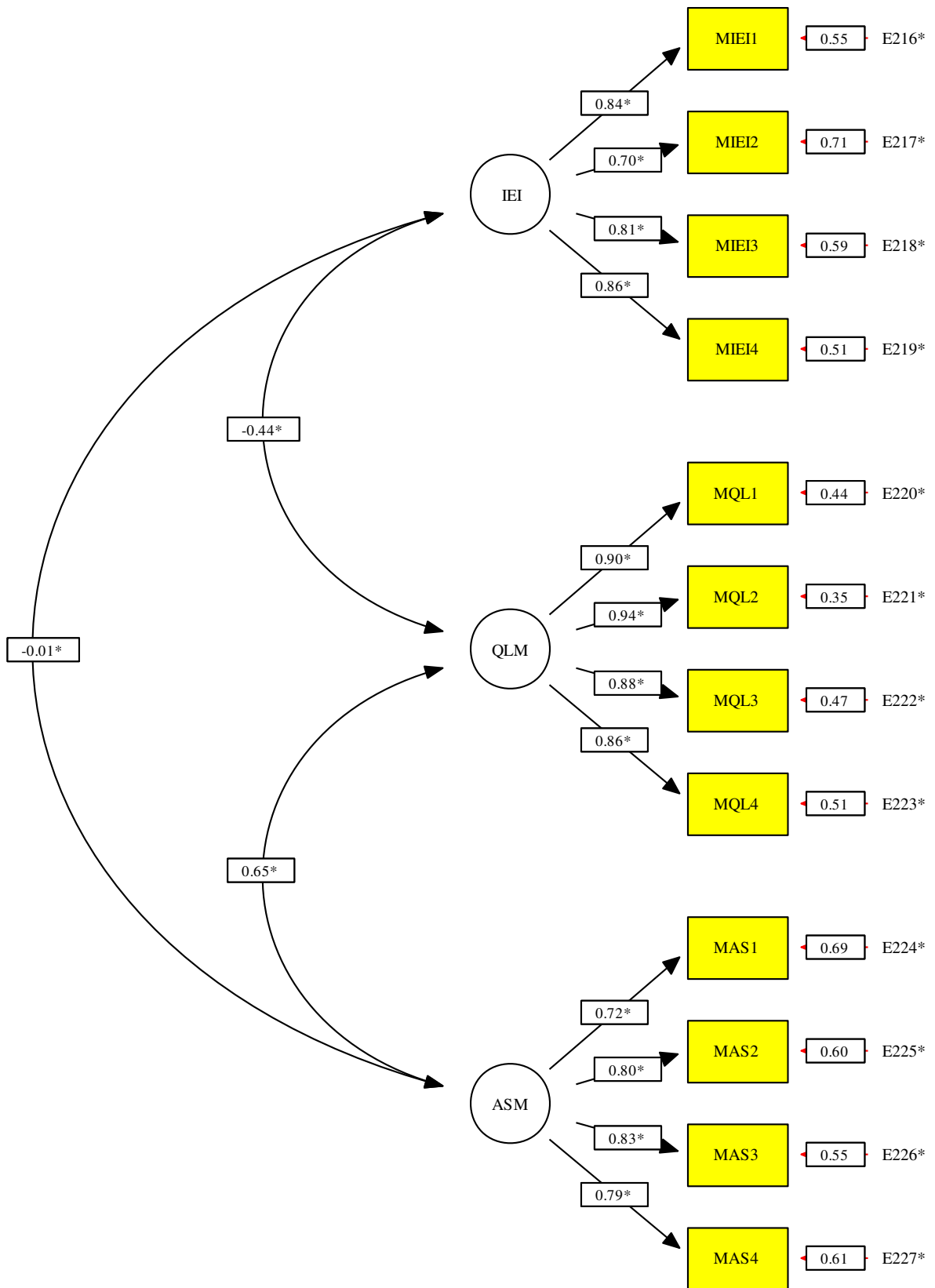
- Schwarz, S., & Hassebrauck, M. (2012). Sex and Age Differences in Mate-Selection Preferences. *Human Nature*, 23, 447-466. doi:10.1007/s12110-012-9152-x
- Sjogren, B. (1997). Reasons for anxiety about childbirth in 100 pregnant women. *Journal of Psychosomatic Obstetrics and Gynecology*, 18, 266-72.
- Slade, A., Cohen, L. J., Sadler, L. S., & Miller, M. (2009). The psychology and psychopathology of pregnancy. In C. H. Zeanah (Ed.), *Handbook of infant mental health* (pp. 22-39). New York: Guilford Press.
- Soares, I. (2009). Desenvolvimento da teoria da vinculação. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (2ª edição) (pp.13-45). Braga: Psiquilibrios edições.
- Sobotka, T. (2004). Postponement of childbearing and low fertility in Europe. (Doctoral thesis). University of Groningen. Dutch University Press, Amsterdam.
- Sobotka, T., Skirbekk, V. & Philipov, D. (2011). Economic Recession and Fertility in the Developed World. *Population and Development Review*, 37, 267-306. doi: 10.1111/j.1728-4457.2011.00411.x
- Shover, L. R. (2005). Motivation for parenthood after cancer: A review. *Journal of the National Cancer Institute Monographs*, 34, 2-5. doi:10.1093/jncimonographs/lgi010
- Sroufe, L. A. (1990). An organizational perspective on the self. In D. Cicchetti & M. Beeghly (Eds.), *The self in transition: infancy to childhood* (pp.281-207). Chicago University Press.
- Sroufe, L. A. & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child development*, 48, 1184-1199. doi: 10.2307/1128475
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics*. California State University, Northridge: Harper Collins College Publishers.

- Trinke, S. J., & Bartholomew, K. (1997). Hierarchies of attachment relationships in young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, *14*, 603-625.
doi: 10.1177/0265407597145002
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Van de Kaa, D. J. (2011). On the societal impact of modern contraception. In G. Beets, J. Schippers, E. R. Velde (Eds). *The future of motherhood in Western societies. Late fertility and its consequences* (pp. 49-60). Berlin, Germany: Springer
- Van Rooij, F. B., Van Balen, F., & Hermanns, J. M. A. (2007). Migrants and the meaning of parenthood: Involuntary childless Turkish migrants in The Netherlands. *Human Reproduction*, *21*(7), 1832-1838.
- Wu, Z., & Schimmele, C. M. (2005). Repartnering after first union disruption. *Journal of Marriage and Family*, *67*, 27-36.

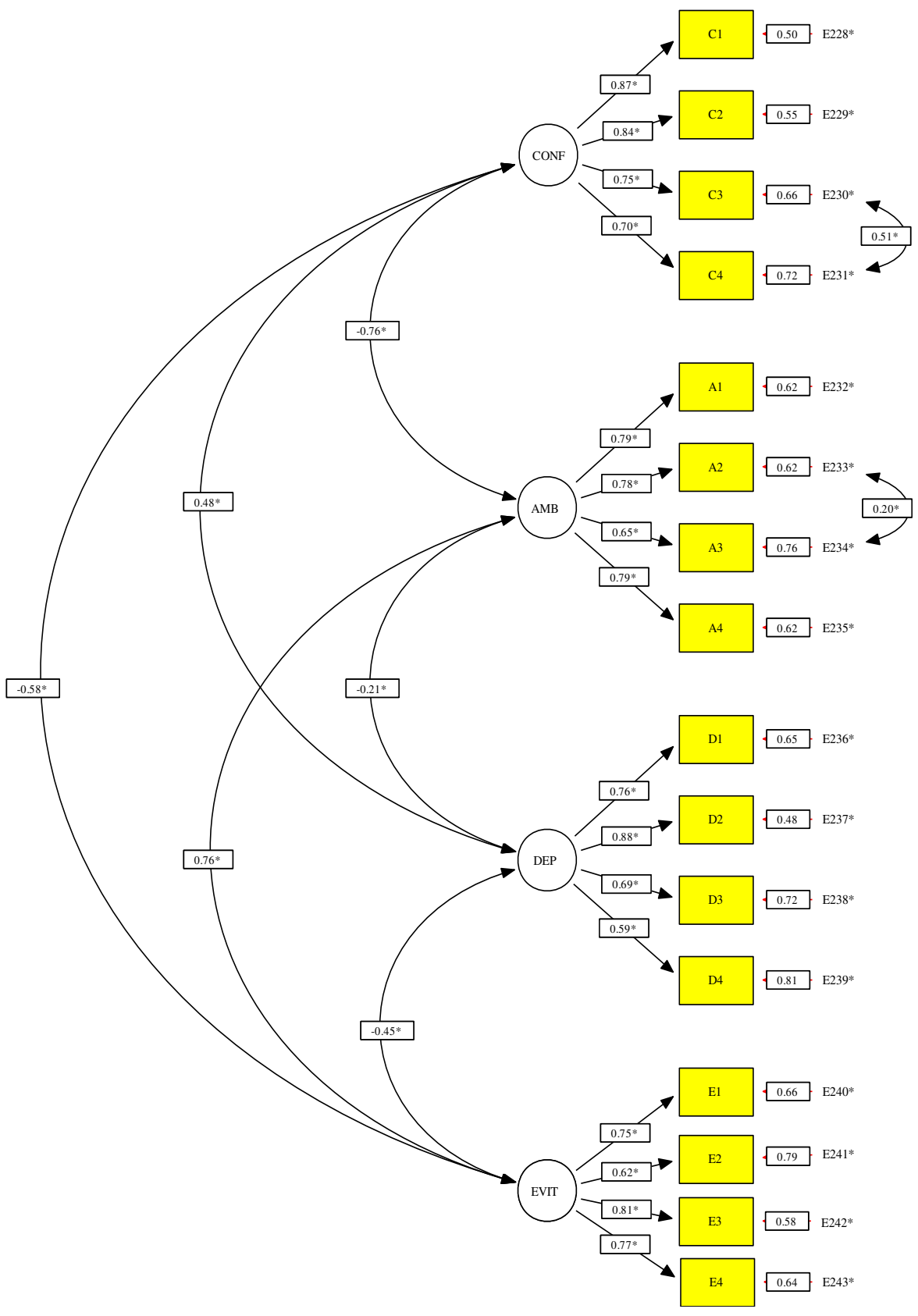
VI. ANEXOS

Anexo A - Modelo de análise fatorial confirmatória (QVPM)

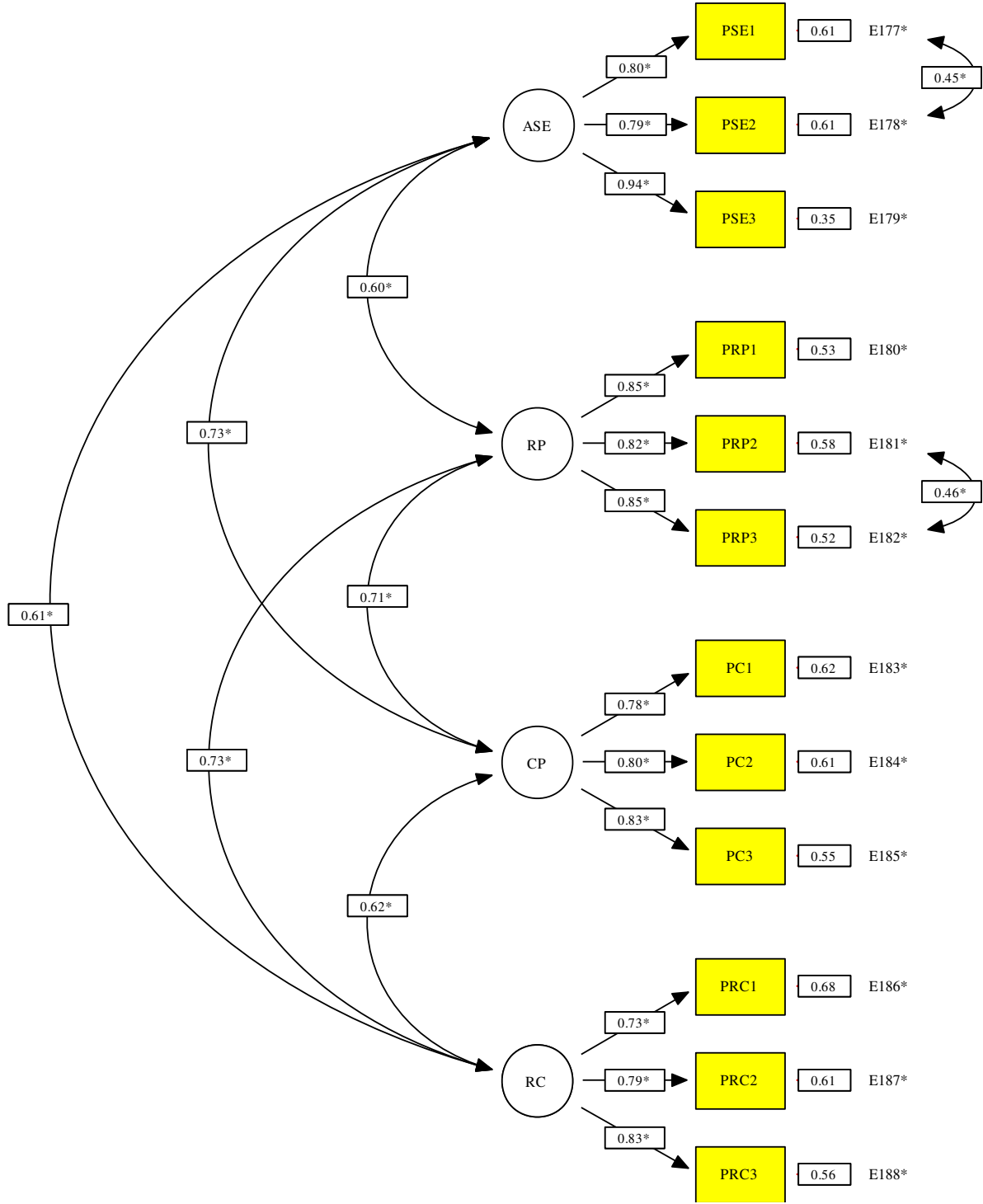


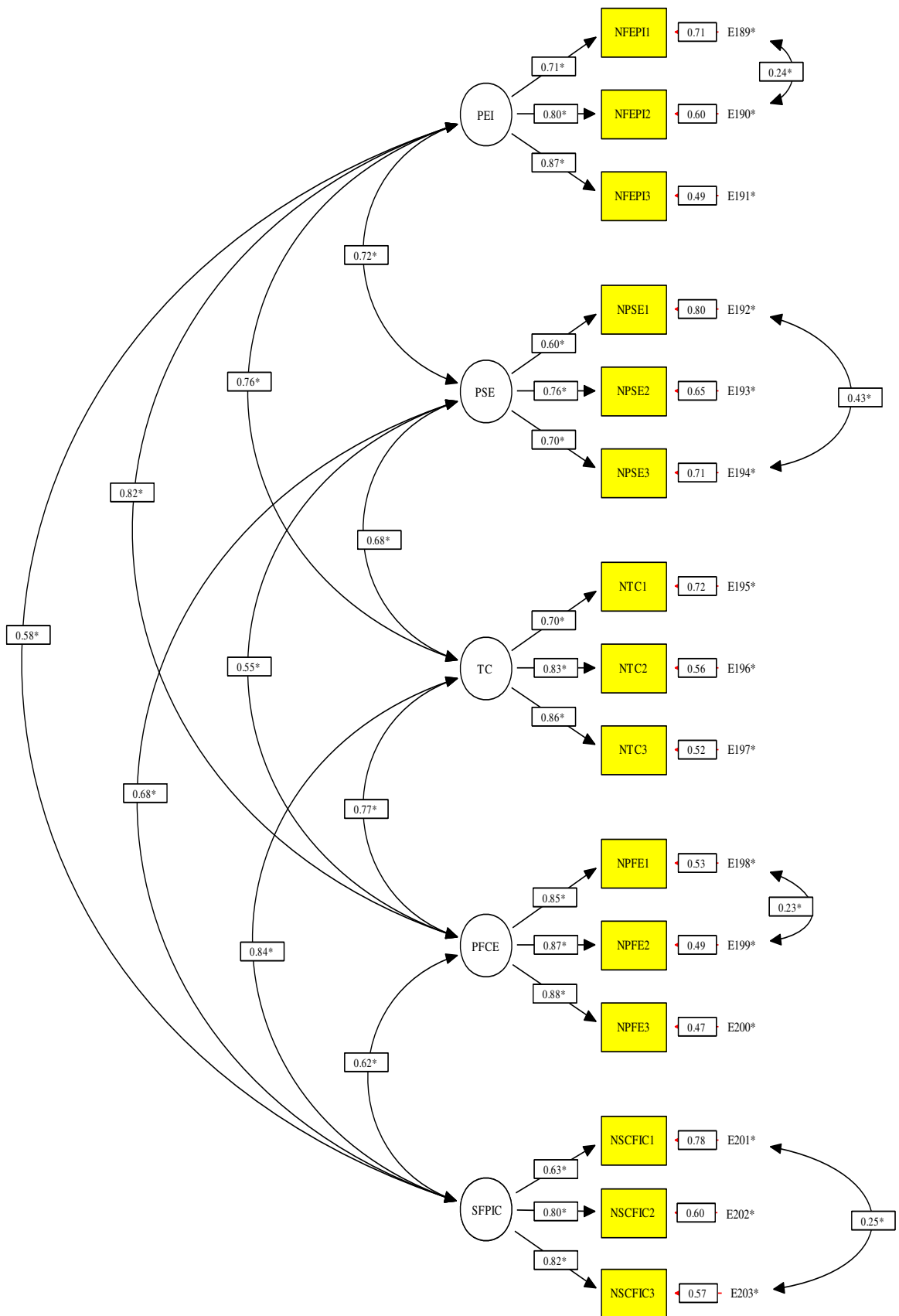


Anexo B - Modelo de análise fatorial confirmatória (QVA)



Anexo C - Modelo de análise fatorial confirmatória (EMP)





Anexo D – Questionário sociodemográfico

(autoria de Rocha, M. & Gonçalves, S., 2014)

Questionário

Caro(a) Jovem,

No âmbito de uma dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, que está a ser levada a cabo pela Universidade Portucalense Infante D. Henrique, pretende-se realizar um estudo que tem como objetivo compreender alguns dos determinantes relacionais da motivação para a parentalidade em estudantes universitários.

Se é estudante universitário, pedimos a sua cooperação através da resposta a este questionário.

Os questionários são tratados de forma anónima e confidencial, sendo utilizados somente para fins de investigação.

Pedimos-lhe que leia os questionários com atenção e responda de forma sincera dando a sua opinião face às questões colocadas. Não existem respostas certas ou erradas, importando apenas o que você sente ou pensa. Responda por favor a tudo, de acordo com as instruções.

A sua participação é voluntária e valiosa, agradecendo desde já a sua colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Sara Gonçalves.

***Obrigatório**

Anuência de participação na investigação *

No caso de aceder a responder a este questionário, de acordo com os critérios de anonimato e confidencialidade acima descritos, pedimos-lhe que responda sim (abaixo).

Sim

Ficha de dados sociodemográficos

PARTE 1

Idade*

Nacionalidade*

Portuguesa

Outros:

Género*

Feminino

Masculino

Habilitações Literárias*

Instituição de ensino que frequenta*

Por favor indique por extenso a Universidade que Frequenta

Curso que frequenta*

Por favor indique por extenso o Curso que Frequenta

Ano*

Ciclo *

Ex: 1º Ciclo de estudos (corresponde à licenciatura); 2º Ciclo de estudos (corresponde ao mestrado); 3º Ciclo de estudos (corresponde ao Doutoramento)

Frequenta a Universidade na Área da Sua residência?*

Sim

Não

Durante o ano lectivo habita com*

Durante o resto do ano habita com*

Situação da relação amorosa*

Caso tenha optado por uma das quatro primeiras opções, indique quanto tempo (em meses) dura ou durou a relação com o(a) seu/sua namorado(a)/marido/esposa. *

No caso de considerar que nunca teve namorado(a) ou nunca foi casado(a) coloque 0 (zero)

Tem filhos?*

- Sim
 Não

Pretende ter filhos no futuro?*

- Sim
 Não
 Não sei/estou indeciso(a)

Indique dentro de quanto tempo (em meses) considera vir a ter filhos. *

No caso de considerar não ter filhos, coloque por favor 0 (zero)

PARTE 2

Estado civil dos meus pais*

- Casados ou em união de facto
 Divorciados ou separados
 Viúvo
 Viúva

Duração do Estado civil (em meses)*

Caso o seu pai tenha voltado a casar indique à quanto tempo (em meses). *

No caso de os pais estarem juntos ou o pai não ter voltado a casar coloque por favor 0 (zero)

Caso a sua mãe tenha voltado a casar indique à quanto tempo (em meses). *

No caso de os pais estarem juntos ou de a mãe não ter voltado a casar coloque por favor 0 (zero)

Habilitações literárias do meu Pai*

Habilitações literárias da minha Mãe*

Profissão do meu Pai *

Profissão da minha Mãe *

Rendimento familiar por mês: valor aproximado em Euros*

Coloque apenas o valor

Mais uma vez, muito obrigada pela sua colaboração.

Enviar

Anexo E - Autorização da utilização do QVPM



AUTORIZAÇÃO

Declaro que autorizo Sara Gonçalves a utilizar o instrumento Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (Paula Mena Matos & Maria Emília Costa, 2001), no âmbito do seu projeto de Mestrado em Psicologia Clínica, que versa sobre a temática “*A vinculação aos pais em jovens adultos e o desejo de ter filhos*”, orientado pela Prof^ª. Dr^ª. Magda Rocha, e a decorrer na Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto.

Porto, 2 de Outubro de 2014

Prof. Dra Paula Mena Matos

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade do Porto
Rua Alfredo Allen
P-4200-135 Porto-Portugal
Telef. 351 22 6079778/05
Fax 351 22 6079727
email: pmmatos@fpce.up.pt

Anexo F - Autorização da utilização do QVA



AUTORIZAÇÃO

Declaro que autorizo Sara Gonçalves a utilizar o instrumento Questionário de Vinculação Amorosa (versão reduzida; Paula Mena Matos, Joana Cabral & Maria Emília Costa, 2008), no âmbito do seu projeto de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, que versa sobre a temática “*A vinculação em jovens adultos e a motivação para a parentalidade*”, orientado pela Prof^a. Dr^a. Magda Rocha, e a decorrer na Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto.

Porto, 24 de Outubro de 2014

Prof. Dra Paula Mena Matos
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade do Porto
Rua Alfredo Allen
P-4200-135 Porto-Portugal
Telef. 351 22 6079778/05
Fax 351 22 6079727
email: pmmatos@fpce.up.pt

Anexo G - Autorização da utilização da EMP e respetivas alterações das partes A e B

Maryse Guedes

📧 1/10 ☆ ↩

para mim ▾

Exma. Sra. Dra. Sara Gonçalves,

Agradeço o seu contacto e o interesse que manifestou relativamente à EMP - Escala de Motivações para a Parentalidade (Guedes, Pereira Pires, Carvalho, & Canavarro, 2013). Em anexo, envio-lhe a cópia do instrumento e o artigo empírico que congrega a informação referente aos seus estudos psicométricos.

Desde já, agradeço-lhe se tiver a gentileza de me disponibilizar os resultados obtidos, quando finalizar a sua dissertação de mestrado.

Disponibilizo-me para quaisquer esclarecimentos adicionais.

Com os melhores cumprimentos,

Maryse Guedes

Maryse Guedes

27/10 (há 3 dias) ☆ ↩ ▾

para Magda, mim ▾

Exma Senhora Professora Doutora Magda Rocha,

Apresento as minhas desculpas pela demora na resposta. Autorizo a alteração das instruções das Partes A e B da Escala de Motivações para a Parentalidade (EMP) conforme indicou, solicitando, porém, que seja mantida a menção à autoria do instrumento original. À semelhança do que tinha solicitado à Dra. Sara Gonçalves, agradeço se tiverem a gentileza de me facultar os resultados obtidos, aquando a conclusão do projecto de investigação.

Com os melhores cumprimentos,

Maryse Guedes.